

**RAFAEL ORLANDO DE OLIVEIRA**



**“PAIDEIA A CHINESA ?”  
A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DA PRÁTICA DO KUNG-FU**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Mestre Rodrigo Wolff Apolloni

**CURITIBA**

**2006**

**RAFAEL ORLANDO DE OLIVEIRA**

**“PAIDÉIA À CHINESA ?”  
A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DA PRÁTICA DO KUNG-FU**

**Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.**

**Orientador: Prof. Mestre Rodrigo Wolff Apolloni**

**CURITIBA**

**2006**

*Para meus pais, Agnaldo e Maria.*

*Para minha irmã, Camila.*

*Para o grande amor da minha vida, Kaline.*

## AGRADECIMENTOS

Sempre procurei percorrer a senda da minha vida acreditando no mundo espiritual, mas sem ser dependente dele. Confio mais no mundo dos Homens e vivo nele tentando ser um homem melhor. Por isso, o caminho no qual acredito e escolhi para transcender, foi o “Duplo Caminho Marcial” – o caminho da *Pena* e o da *Espada*.

Gostaria de agradecer, especialmente, a pessoa mais encantadora que já conheci, a minha linda Kaline. Devo a ela o êxito na conclusão deste trabalho, pois sem sua ajuda, compreensão, doação, paciência e todo o seu amor isto não teria sido possível. Enfim, gostaria de expressar todo o meu amor e toda a felicidade que sinto por tê-la ao meu lado, através de uma simples frase: **Eu te amo muito, hoje e sempre!**

Agradeço, também, ao meu orientador, Professor Rodrigo Wollf Apolloni, que além de um grande amigo é, também, um excelente professor de Kung-Fu, que prontamente atendeu ao meu pedido e me conduziu pelos meandros da pesquisa acadêmica. Aos meus pais, pela dedicação e carinho com os quais me educaram e forjaram a pessoa que sou.

Por fim, agradeço aos grandes amigos que me acompanham nessa vida, que junto aos meus pais e irmã, compõe aquilo que eu classifico como “família”. Pois, como nos ensina a canção: “não é preciso ter conta sangüínea, apenas um pouco mais de sintonia.”

*Pelas trilhas da vida  
Não sei me conduzir.  
Só me resta então buscar refúgio  
À sombra das artes marciais.  
(Sekishusai)*

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	vi
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	vii
<b>RESUMO</b> .....	viii
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	4
<b>2. HISTÓRIA DA ARTE MARCIAL CHINESA</b> .....	6
2.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	6
2.2 TERMINOLOGIA EMPREGADA AO KUNG-FU.....	7
2.3 BREVE HISTÓRICO DO KUNG-FU: “Trabalho Árduo”.....	10
2.3.1 Período Pré-Shaolin: Primeiros Índícios da Marcialidade Chinesa.....	13
2.3.2 Período Shaolin: Templo Shaolin, “Berço” do Kung-Fu?.....	14
2.3.3 Período Pós-Shaolin.....	18
2.4 O ESTILO SHAOLIN DO NORTE: do Monte <i>Song</i> às Terras Brasileiras.....	19
<b>3. A PLACA VOTIVA: “A SENDA MARCIAL”</b> .....	21
3.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	21
3.2 A PLACA VOTIVA: TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DIRECIONADOS A FORMAÇÃO DO PRATICANTE.....	21
3.2.1 Budismo.....	27
3.2.2 Confucionismo.....	30
3.2.3 Taoísmo.....	32
3.3 A PEDAGOGIA DO KUNG-FU SHAOLIN DO NORTE.....	35
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS AO CAPÍTULO.....	38
<b>4. LINEAMENTOS BÁSICOS DA “EDUCAÇÃO EMANCIPADORA”</b> .....	40
4.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	40
4.2 JUSTIFICATIVA PARA A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA.....	41
4.2.1 A “Educação Bancária”.....	44
4.3 O CÍRCULO DE CULTURA.....	46
4.4 O DIÁLOGO.....	48
4.5 TOMADA DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA.....	49
4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS AO CAPÍTULO.....	51
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	53
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	57
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	59

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – “KUNG-FU” .....	7
<b>FIGURA 2</b> – PLACA VOTIVA DO ESTILO SHAOLIN DO NORTE.....	22
<b>FIGURA 3</b> – PLACA NO CONTEXTO DO ALTAR DA ACADEMIA SENDA.....	22
<b>FIGURA 4</b> – DIVISÃO DOS IDEOGRAMAS QUE FORMAM A PLACA.....	23
<b>FIGURA 5</b> – LHO HÃ.....	26
<b>FIGURA 6</b> – TAI-CHI.....	26

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1 – CRONOLOGIA DAS DINASTIAS E DO PERÍODO REPUBLICANO CHINÊS.....</b>	<b>11</b>
<b>TABELA 2 – “LINHA DO TEMPO” DAS ARTES MARCIAIS CHINESAS.....</b>	<b>12</b>
<b>TABELA 3 – O NOBRE CAMINHO ÓCTUPLO.....</b>	<b>29</b>
<b>TABELA 4 – PEDAGOGIA DA MARCIALIDADE CHINESA: RELAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA.....</b>	<b>37</b>
<b>TABELA 5 – EDUCAÇÃO EMANCIPADORA: FILOSOFIA PEDAGÓGICA.....</b>	<b>52</b>

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa inseriu-se na tentativa de investigar a possível existência de um modelo de formação humana através da prática do Kung-Fu (Arte Marcial Chinesa) semelhante ao modelo de formação humana pela “Educação Emancipadora”, proposto pelo pedagogo Paulo Freire. O estilo de Kung-Fu pesquisado foi o do *Shaolin do Norte*, pertencente ao Sistema Sino-Brasileiro de Kung-Fu e praticado por um grupo de pessoas em Curitiba. O modelo de pesquisa que adotamos é de cunho qualitativo bibliográfico. Através de investigações em fontes bibliográficas, procuramos traçar a origem histórica das artes marciais chinesas, assim como do estilo de Kung-Fu Shaolin do Norte. Para investigar a existência de um modelo de formação pelo Kung-Fu, focamos nossa pesquisa em um elemento iconográfico e nos valores ideais, direcionados a formação dos praticantes, que este expressa – a Placa Votiva. Por fim, para confrontarmos ambos os modelos de formação, levantamos os lineamentos básicos da “Educação Emancipadora” através da pesquisa em três obras de Paulo Freire. A confrontação das informações permitiu concluir que realmente existe um modelo de formação humana através da prática do Kung-Fu. No entanto, nossa hipótese de pesquisa é parcialmente confirmada, pois os modelos não se assemelham significativamente.

Palavras-chave: Arte Marcial Chinesa; Formação Humana; Educação; Emancipação.

## 1 – INTRODUÇÃO

Para trilhar o caminho do real Kung-Fu,  
primeiro deves encontrar um sólido cavalo.  
Seus olhos devem ver tudo em toda direção  
e treine suas mãos para sua proteção.  
Antes de fazer qualquer coisa,  
faça com puro coração...  
Suas mãos devem ser suaves como o algodão  
e duras como o aço.  
Cinco portas para o corpo você tem que sentir.  
Faça de sua defesa um ataque para seu adversário.  
Ataque os oito caminhos e evite a morte,  
defenda os oito caminhos e evite a morte.  
A prática desenvolverá e conservará sua perícia  
como duas serpentes num combate sem fim.  
Só assim você encontrará a satisfação de BUDA...  
(KIAI, 199-, p. 40)

O salão é amplo e velho, mas respeitado como se fosse um lugar sagrado. As paredes são decoradas com grandes espelhos e adornos orientais que remetem ao Extremo Oriente, mais especificamente à China. Em lugar de destaque, encontra-se um altar formado por antigas fotos de mestres orientais, uma estátua de Buda e uma placa de madeira repleta de ideogramas que expressam valores ideais.

É neste ambiente que um grupo, que abrange pessoas de todas as faixas-etárias, de diferentes etnias e crenças religiosas, na sua maioria do sexo masculino, reúne-se diariamente para a prática de uma atividade corporal diferenciada.

Momentos antes de adentrarem ao salão, uniformizados (porém diferenciados por uma faixa colorida em volta da cintura), realizam um ritual de respeito ao local e ao altar. Esse mesmo “ritual” é realizado no início e término de todas as atividades como forma de cumprimento entre os indivíduos do grupo e, também, em sinal de respeito.

As atividades se iniciam ao som de músicas clássicas chinesas; no ar surge um característico odor do incenso queimando no altar. Armas de uma época anterior à pólvora surgem sibilando pelo ar. Alguns integrantes do grupo desfecham socos e chutes em sacos de pancada pendurados no teto, enquanto outros, vestidos com equipamentos de proteção, travam um combate amistoso num canto do salão.

À frente do grupo, assumindo a função de professor, encontra-se o integrante com mais tempo de prática que, vez por outra, assume o papel de “modelo de conduta”, transmitindo, além de ensinamentos físicos, valores éticos e morais.

O cenário descrito acima se configura como um típico ambiente de desenvolvimento da arte marcial chinesa no Brasil e foi extraído de uma academia tradicional da cidade de Curitiba – a Senda Escola de Kung-Fu.<sup>1</sup>

O universo em qual se insere o trabalho de pesquisa é o das Lutas Aplicadas à Educação Física. No entanto, para efeito de pesquisa, destacamos uma modalidade específica: a da chamada “arte marcial chinesa”, entendida como o conjunto de práticas físicas de caráter marcial e de saúde oriundas da China e que se disseminaram pelo país a partir dos anos 60 do século XX. O conjunto destas práticas é formado pelo **Kung-Fu** – nome que designa as técnicas de caráter marcial nascidas na China.

É neste subuniverso da cultura brasileira, com a intenção de investigar quais os reais valores por trás da prática do Kung-Fu e, se tais valores contribuem ou não para a formação dos praticantes, que encontramos nosso objeto de estudos – a Placa Votiva localizada no altar.

Selecionamos um estilo tradicional oriundo de uma escola do Sistema Sino-Brasileiro de Kung-Fu, que baseia seu universo semântico não-corporal tradicional em uma placa votiva que expressa valores ideais – o “Shaolin do Norte”.

“Introduzido entre nós pelo imigrante chinês Chan Kowk Wai nos anos 60, o estilo é, atualmente, um dos mais praticados por brasileiros, com ramificações (a partir do Brasil) na Argentina, Estados Unidos, Canadá e Espanha.” (APOLLONI, 2004, p.12-13) Em termos mais específicos, o grupo analisado será o dos praticantes da “Senda Escola de Kung-Fu”, de Curitiba.

É através da decifração dos valores expressos nessa placa que tentaremos aproximar o modelo de formação da arte marcial chinesa ao modelo de formação “emancipadora” que propõe Paulo Freire.

Quando falamos em formação, estamos nos referindo à definição grega do termo, que parte da idéia de educação como um processo de construção consciente, ou seja, da elucidação das leis universais que regem a natureza humana, que, por sua vez, elucida as normas que regem a vida individual e em sociedade. Somente a estes conhecimentos agregados a educação, forjadores do “Homem vivo” – um ser perfeito, constituído de corpo e espíritos conscientes – se refere o termo “formação”

---

<sup>1</sup> Cf. <http://www.shaolincuritiba.com.br>. Acesso em: 05 ago. 2006.

para o povo grego. (JAEGER, 1995, p.13) A esta “formação” atribuiu-se o termo *Paidéia*, que, em seu sentido mais amplo, significa “educar” e “civilizar”.

É neste sentido, de educação e civilização, que chamamos atenção para os valores formativos por trás da prática do Kung-Fu, independente do estilo, pois o que se altera são as formas físicas e não os ensinamentos filosóficos.

O problema de pesquisa refere-se à percepção de relação entre o modelo de formação marcial através do Kung-Fu com o de formação pela “Educação Emancipadora”, defendido por Paulo Freire. A intenção é investigar se existe e qual seria a proximidade entre os modelos, e também se é possível afirmar a existência de uma Formação Emancipadora à chinesa, classificada por nós como “*Paidéia à Chinesa*”.

A definição do problema de pesquisa deu-se a partir da hipótese de que existe, na prática marcial chinesa, a possibilidade de uma formação diferenciada dos moldes tradicionais vigentes na atual sociedade. Completando nossa hipótese, nos parece que existe uma semelhança notável com o conceito de formação de Paulo Freire, pois, apesar de a prática do Kung-Fu ser predominantemente física, os valores filosóficos e culturais que a norteiam são transmitidos através da tradição oral, indo ao encontro do que propõe a educação dialógica emancipadora.

O objetivo deste trabalho é trazer à tona a discussão relacionada à inserção das Artes Marciais, especificamente o Kung-Fu, no âmbito escolar, como conteúdo específico da Educação Física, visando contribuir para a formação dos educandos.

Com mais de três mil anos de desenvolvimento e presente na sociedade brasileira há quatro décadas, a arte marcial chinesa (o Kung-Fu) pode ser uma alternativa para a formação ética individual. Ligada a práticas medicinais há muito consolidadas e às três maiores correntes filosóficas do Extremo Oriente – o Confucionismo, o Budismo e o Taoísmo – ela visa incutir em seus praticantes valores morais, éticos, de valorização pessoal e, sobretudo, de autoconhecimento.

Em primeiro lugar, este projeto de estudo se justifica porque pretende abordar uma linha de estudo que ainda dispõe de poucos trabalhos no Brasil: a que examina a presença de elementos éticos, morais e filosóficos orientados para a formação e posicionamento dos praticantes perante a sociedade (a *Paidéia*) dentro do universo das artes marciais.

Em segundo lugar, porque representa uma tentativa de fazer um resgate histórico-filosófico da origem das artes marciais, especificamente, do Kung-Fu.

Em terceiro lugar, porque pretende avaliar se a formação dos indivíduos que praticam artes marciais, no caso o Kung-Fu do estilo “Shaolin do Norte” é diferenciada e/ou influenciada por valores decorrentes de tais práticas.

Em quarto lugar, porque as artes marciais e os esportes de combate são conteúdos específicos da Educação Física; no entanto, raramente são desenvolvidos por esta disciplina no contexto escolar.

Por fim, justifica-se como tentativa de apresentação crítica do Kung-Fu para os próprios praticantes brasileiros, mas, em especial, para os acadêmicos e professores de Educação Física.

## 1.1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos terão por base o levantamento, por meio de pesquisa bibliográfica, dos lineamentos básicos dos modelos de formação pela arte marcial chinesa (o Kung-Fu) e pela “Educação Dialógica e Emancipadora” de Paulo Freire.

Recorreremos a fontes bibliográficas formais relacionadas ao tema, como também a fontes informais - apostilas de publicação em academias; palestras ministradas por professores de Kung-Fu; nossa própria experiência como praticante e professor de Kung-Fu por mais de 12 anos – em relação aos conteúdos específicos do Kung-Fu, objetivando, com isso, uma maior proximidade com a realidade prática no interior das academias brasileiras.

Inicialmente, pretendemos transpor a barreira imposta pela língua aludindo e traduzindo, na medida do possível, para o português aproximado, os termos empregados ao Kung-Fu. A tradução desses termos facilitará a compreensão ocidental do significado das artes marciais para o desenvolvimento e formação humana da civilização chinesa, pois eles encerram em si traços marcantes da cultura e filosofia chinesas.

Em seguida, apesar das dificuldades em relação à precisão histórica dos fatos, traçaremos o processo histórico pelo qual passou a arte marcial na China, especificamente o Kung-Fu do estilo Shaolin do Norte, levantando as principais características e influências deste subuniverso semântico na cultura chinesa, até a sua transplantação e influência em território brasileiro. Para tal tarefa, reportar-nos-emos, principalmente, à dissertação de mestrado de Rodrigo W. Apolloni, intitulada:

“Shaolin à Brasileira: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no kung-fu praticado no Brasil”. Em sua pesquisa, exemplar e inédita no Brasil, o autor desmistifica, com propriedade, os dados de caráter histórico sobre a origem, desenvolvimento, disseminação e introdução em terras brasileiras das artes marciais chinesas.

Definidas as origens históricas da marcialidade chinesa, podemos dar início à nossa investigação sobre os aspectos culturais e de formação do Kung-Fu. Antes, porém, será preciso elucidar o modo chinês de pensar e interpretar o mundo; para tanto, buscaremos refúgio no clássico do autor francês Marcel Granet – “O Pensamento Chinês”. A obra nos dará o norte necessário para percorremos o caminho que nos levará a interpretação dos valores filosóficos ligados à prática do Kung-Fu, assim como a localização destes valores no objeto de estudo – a placa votiva – o que possibilitará identificar o caráter educativo do Kung-Fu.

Posteriormente, levantaremos os lineamentos básicos da “Educação Emancipadora” proposta pelo pedagogo e educador Paulo Freire. A pesquisa se efetivará com base em três obras do autor: “Ação Cultural para a Liberdade”; “Educação como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”.

Por fim, faremos o cruzamento das informações comparando os dois modelos de formação, a fim de comprovar ou refutar a hipótese de pesquisa.

Subsidiando todo o nosso processo de investigação científica, contaremos com o auxílio do autor Werner Jaeger, através de sua principal obra - “Paidéia: a formação do homem grego”. Através da obra do autor, tomaremos o exemplo grego para a definição de alguns termos utilizados por nós, entre eles: educação, formação, cultura, *paidéia* e *arete*.

## 2 – HISTÓRIA DA ARTE MARCIAL CHINESA

### 2.1 – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Ao longo do processo histórico-cultural da civilização chinesa, as artes marciais sempre ocuparam um lugar de destaque.

Envolta em mitos e lendas, as artes marciais chinesas se disseminaram através da transmissão oral de conhecimentos. Seus ensinamentos “originais” eram transmitidos de geração para geração, porém sem qualquer forma de registro que nos permita chegar às suas origens históricas.

No entanto, em face deste desafio, um dos caminhos que podemos percorrer para chegar às “raízes históricas” das artes marciais chinesas e, conseqüentemente, do Kung-Fu, “...é o da pesquisa em fontes cronologicamente determinadas – livros, edifícios e monumentos – que não padecem da ‘dinâmica transformadora’ verificada na transmissão oral.” (APOLLONI, 2004, p. 20)

Ainda, de acordo com o autor,

...que tais fontes possam sofrer influências como a do olhar de uma classe social sobre outra – ou de uma linha predominante de pesquisa – mostram-se valiosas em aspectos que vão da localização da nomenclatura marcial à compreensão das motivações que levaram um grupo humano a se dedicar a práticas marciais. Essas fontes, bem como pesquisas feitas por *scholars* chineses e japoneses, serviram como objeto de trabalho para os pesquisadores ocidentais que, no século XX, passaram a considerar o tema como digno de estudo. (APOLLONI, 2004, p. 20)

Tendo em vista estas considerações, iniciamos nossa jornada pela senda das artes marciais chinesas.

## 2.2 – TERMINOLOGIA EMPREGADA AO KUNG-FU



Antes de nos aprofundarmos no histórico da arte marcial chinesa e, conseqüentemente, no surgimento do Kung-Fu no Ocidente, faz-se necessário o esclarecimento de alguns termos específicos que facilitarão a leitura deste estudo. Etimologicamente, o termo *Kung-Fu* (fig. 1) pode ser traduzido como trabalho árduo e contínuo que leva a perfeição. O termo é genérico e vale para outras artes e ofícios além do marcial. Assim, por exemplo, um mestre carpinteiro “tem” ou “vive” seu *Kung-Fu*. Em âmbito estritamente marcial, é a definição comum dada, no Ocidente, às artes marciais chinesas.

“Os chineses, porém, jamais utilizaram *Kung-Fu* para identificar sua arte marcial. Eles adotam os termos *Wushu* (武術) e *Guoshu* (國術), que significam, respectivamente, ‘Arte Guerreira’ e ‘Arte Nacional’.” (APOLLONI, 2004, p. 54)

Em outras palavras, *Kung-Fu* é o inescrutável termo ocidental para aquilo a que os chineses chamam apenas *quanshu* ou *boxing*, enquanto o termo mandarim para ‘artes marciais’ é *wushu*. (HENNING, 1998, p. 91. Tradução livre do inglês.)

Ou ainda, como registrado em uma apostila publicada pela principal academia de Kung-Fu do estilo Shaolin do Norte no Brasil, podemos interpretar da seguinte forma:

As diversas formas de artes marciais muitas vezes são confundidas entre si. Kung-Fu é o termo mais conhecido para designar todas as formas de artes marciais desenvolvidas e praticadas na China – berço das artes marciais. Há também o termo *wu shu*, que significa artes marciais, mais adequado que *kung fu*, que significa maestria (ou ‘trabalho árduo’). *Wu shu* e *kung fu* referem-se à mesma coisa: artes marciais chinesas. No Brasil, o termo *wu shu* é usado para diferenciar a forma olímpica ou competitiva, desenvolvida também na China, para que o *kung fu* adquirisse um aspecto padronizado e esportivo. (Kung Fu – versão curta de uma história muito longa. 1998, p. 3)

Em suma, os termos utilizados popularmente no Ocidente para se referirem às artes marciais chinesas são, principalmente, Kung-Fu e Wushu. Ambos referem-se à mesma coisa, porém de maneiras diferentes. Este tem sua origem nos campos de batalha, está diretamente ligado a marcialidade, porém, a partir da década de 20 começa a incorporar aspectos esportivos, consolidando-se como esporte na década

de 50. Aquele surge a partir de uma perspectiva mais filosófica; refere-se à marcialidade, porém não mais como um adestramento guerreiro, e sim, como um caminho que leva a perfeição – “um caminho de vida”.

Na China, porém, a arte marcial (o *Wushu*) nunca esteve ligada a um caráter transcendental ou, ainda, a uma filosofia de vida. Especificamente, tratava-se do adestramento guerreiro, ou seja, o treinamento de “soldados” cujas qualidades eram eliminar o inimigo com eficiência e com o menor gasto de energia possível.

Vista desta forma, a interpretação ocidental que atribui a prática do Kung-Fu um caráter transcendental nos parece equivocada. Este equívoco pode ter sido gerado pelo fato de se acreditar que a origem e desenvolvimento do Kung-Fu tenham ocorrido no interior de um mosteiro budista – o “*Templo Shaolin*”.

Por sua vez, este imaginário ocidental possivelmente foi influenciado pelos meios de produções culturais, principalmente, pela televisão e o cinema. “Os anos 70 foram marcados pelo surgimento, no Ocidente, de produtos culturais relacionados à representação no Kung-Fu: filmes e séries televisivas, histórias em quadrinhos, músicas e publicações populares.” (APOLLONI, 2004, p. 78)

Vários filmes e seriados, baseados nas lendas e mitos sobre os “monges lutadores de Shaolin”, foram produzidos e veiculados no mundo todo.

Nesses filmes, os monges são caracterizados como indivíduos possuidores de uma técnica marcial extraordinária, permeada por um misticismo local capaz de conceder-lhes poderes sobre-humanos, como a “capacidade de voar”. São defensores dos fracos e oprimidos e vagueiam pelo país afugentando os malfeitores e transmitindo ensinamentos religiosos e filosóficos.

Porém, em 1981 a República Popular da China produziu o filme “*The Shaolin Temple*”, que transmitia uma outra imagem dos monges de Shaolin. “Como era de se esperar de uma produção da China continental, os aspectos religiosos foram reduzidos à iconografia; os monges foram mostrados como homens que não abriam mão de lutar e de consumir vinho e carne.” (APOLLONI, 2004, p. 82)

A literatura popular dedicada ao tema – livros e revistas que não exigem nenhum tipo de comprovação científica ou histórica para a escolha das matérias e reportagens que veiculam – também podem ter contribuído para a produção do imaginário descrito acima.

Nos anos 80 e 90, com o fim do *bomm* Bruce Lee e a abertura de academias por professores não-chineses, houve uma consolidação do universo brasileiro de Kung-Fu. Parte da produção cultural sobre arte marcial chinesa foi nacionalizada, com revistas, apostilas, livros e *sites* desenvolvidos em português por e para brasileiros. Esses produtos se inserem tanto no campo da representação – o Kung-Fu visto “de fora” – quanto no da auto-representação – *como eu, como praticante, me insiro nesse universo*. (APOLLONI, 2004, p. 89)

Podemos observar que a aproximação entre religiosidade e marcialidade não influenciou o modo de os chineses refletirem sobre sua arte marcial.

O que para os chineses não resultou em mudanças, para os ocidentais parece ter sido o atrativo maior para a prática do Kung-Fu – o desejo de elevar-se espiritualmente através da arte marcial. Nossa experiência permite-nos afirmar que muitas pessoas procuram as academias de Kung-Fu na busca de um caminho que una habilidades marciais, atividade física e saúde, filosofia oriental direcionada para uma conduta ética e moral superior e elevação espiritual. Em outras palavras, “uma filosofia de vida”.

Essa instrumentalidade se aproxima muito do paradigma marcial nipônico, que associa doutrinas religiosas ao caminho da espada preconizado pelos samurais. Uma das principais virtudes que os samurais deveriam possuir era a do desapego a coisas materiais, inclusive, a própria vida. O espírito do samurai manifestava-se através de sua espada – ela deixava de ser um objeto para se transformar em uma parte viva do guerreiro. Porém, para se alcançar tão elevado estado de espírito, os samurais deveriam se inclinar às leis do Budismo.

Enquanto ignorar a essência dos verdadeiros mandamentos e não se apoiar nas leis do budismo nem nas leis terrestres, cada qual julga que os seus mandamentos são certos e corretos. Contudo, à luz do *jikidô* [na língua búdica, o estado de Buda alcançado depois de muitas práticas ascéticas] e segundo as grandes leis do mundo, está se desviando da essência dos verdadeiros mandamentos por causa da preferência pessoal, ou parcialidade, e da distorção da visão. (MUSASHI, 1992, p. 152)

Mesmo com interpretações diferentes no Ocidente e no Oriente, os termos parecem ser complementares, fato que se evidencia na observação dos uniformes adotados por várias academias de Kung-Fu no Brasil – geralmente os termos aparecem juntos: Academia de **Kung-Fu Wushu**; Associação de **Kung-Fu Wushu**.

Tal fato nos permite inferir que a intenção é a de aludir ao caráter marcial desportivo, sem negligenciar os valores filosóficos que permeiam o desenvolvimento

de aspectos marciais (respeito, disciplina, coragem, perseverança, cortesia, etc.) e que podem ser, naturalmente, transportados para o desenvolvimento individual de cada praticante.

É neste sentido que abordaremos o Kung-Fu, como uma doutrina de vida, o caminho pelo qual o praticante faz de seu cotidiano um “trabalho árduo” sempre em busca do seu melhor, reconhecendo suas potencialidades e limitações para caminhar pela vida com maestria.

### 2.3 – BREVE HISTÓRICO DO KUNG-FU: “Trabalho Árduo”

Muitos fatos atribuídos à história do Kung-Fu e, principalmente, à origem de vários estilos, são apenas relatos anedóticos que foram sendo passados de geração para geração, através da transmissão oral dos conhecimentos. No Ocidente, estes fatos ainda passaram por uma transformação para que fosse possível uma compreensão, ainda que muitas vezes destorcida, da história original.

Com o passar do tempo, o universo do Kung-Fu brasileiro criou raízes próprias e a produção do conhecimento passou por um processo de nacionalização. Em relação aos aspectos históricos, observa-se que eles se baseiam na tradição oral genérica - formada por elementos gerais, que incluem informações transmitidas por mestres originários, dados do cinema/literatura popular e deduções dos próprios praticantes - e na tradição específica dos estilos, calculada na relação "informação do mestre" (aceita como verdade absoluta) x "entendimento do aluno". Em relação aos aspectos éticos e religiosos, o que se observa é que a ligação se dá através, principalmente, de consultas a livros de vulgarização do conhecimento. (APOLLONI, 2004, p. 119)

Deste modo, o que encontramos são apenas impressões originadas de outras impressões, em outras palavras, queremos dizer que tais fatos não possuem embasamento histórico comprovado, tampouco científico, porém não podemos negar que carregam em si reflexos da cultura e filosofia chinesa.

Se já não bastasse tamanha dificuldade, ainda existem inúmeros estilos de Kung-Fu praticados no Brasil e no mundo, cada um com uma história para contar.

Contudo, não é nosso enfoque a contemplação da história de cada um dos estilos tradicionais e modernos da arte marcial chinesa, mas os principais fatos históricos que contribuíram para a formatação do Kung-Fu que conhecemos atualmente.

As artes marciais, em geral, se originam da necessidade de autodefesa dos indivíduos à proteção de toda uma nação. Com mais de cinco mil anos, a China é precursora do sistema marcial mais complexo e místico da história da humanidade – conhecido no Ocidente como “Kung-Fu”.

No entanto, para se garantir a supremacia marcial, era preciso constantemente refinar as técnicas de combate.

O desenvolvimento tecnológico de armas, o aprimoramento das técnicas de combate e a produção de um pensamento filosófico de viés marcial (seja em termos de estratégia, seja em termos éticos) decorre, fundamentalmente, das épocas de transferência de poder. Há que se observar que, no caso chinês (assim como em muitas outras civilizações), toda a transferência de poder se deu a partir de confrontos nos campos de batalha. (APOLLONI, 2004, p. 21)

O refinamento marcial, como nos aponta o autor supracitado, ocorre nos períodos de transferência de poder. A China, dona de um processo histórico composto por quedas e ascensões de dinastias até a constituição de seu período republicano (ver tabela 1), pôde refinar sua arte marcial ao extremo de tê-la como referência e marco de sua cultura nacional.

A contagem histórica inicia-se pela Dinastia *Shang*, pois é o período histórico mais antigo confirmado pela arqueologia e apontado por pesquisadores que se dedicam a história e origem das artes marciais chinesas.

**TABELA 1 – CRONOLOGIA DAS DINASTIAS E DO PERÍODO REPUBLICANO CHINÊS**

Dinastias			Dinastia/Período Republicano
商 (1) Shang 1750 a 1050 a.C.	三國 (5) Três Reinos 221 a 280	五代十國 (9) Cinco Dinastias e Dez Reinos 907 a 960	清 (13) Qing 1644 a 1911
周 (2) Chou 1050 a 221 a.C.	新 (6) Chin 280 a 420	宋 (10) Song 960 a 1279	中華民國 (14) República da China 1911 a 1949  中華人民共和國 (15-a) República Popular da China 1949 ao séc. XXI  中華民國 (15-b) República da China/Taiwan 1949 ao séc. XXI
秦 (3) Ch'in 221 a 207 a.C.	隋 (7) Sui 420 a 617	元 (11) Yuan 1279 a 1368	
漢 (4) Han 206 a.C. a 221 d.C.	唐 (8) Tang 618 a 907	明 (12) Ming 1368 a 1644	

**FONTE:** Adaptada de: APOLLONI, 2004, p.21.

A seguir apresentaremos uma “linha do tempo” com dados que facilitarão a interpretação ocidental dos fatos históricos que contribuíram para o desenvolvimento do Kung-Fu na China e sua introdução em terras brasileiras (ver tabela 2).

A tabela é auto-explicativa o que não justifica nos aprofundarmos em todos os dados nela inseridos, pois não é o nosso objetivo. A tabela foi adaptada da pesquisa pioneira de Apolloni que, assim como a nossa, foi centrada em um estilo decorrente da tradição de Shaolin. Por este motivo, será possível observar a presença marcante do mosteiro budista de Shaolin na cronologia apresentada.

**TABELA 2 – “LINHA DO TEMPO” DAS ARTES MARCIAIS CHINESAS**

<b>Fase</b>	<b>Época</b>	<b>Fato Relevante</b>
<b>Pré-Shaolin</b>	1500 a 1122 a.C.	Dinastia Shang. Espadas, lanças, punhais e machados de bronze. Primeiros registros de prática marcial na China.
	1000 a.C.	Dinastia Chou. Representações, em peças de bronze, de figuras humanas em posturas de combate.
	722 a 481 a.C.	Registro de práticas marciais no “Livro dos Ritos” e nos “Anais da Primavera e Outono”. Lao Tzu escreve o clássico taoísta <i>Tao-Te-Ching</i> . Na obra, condena o uso das armas.
	403 a 221 a.C.	“Era dos Reinos Combatentes”. Sun Tzu escreve a obra “Os 13 Momentos” ou “A Arte da Guerra”.
	206 a.C. a 220 d.C.	Registros sobre o <i>shoubo</i> e <i>jueli</i> , formas de luta e pugilismo. Aproximação entre conceitos taoístas, confucionistas e budistas nas práticas religiosas e corporais. “Origem religiosa” do Kung-Fu.
	64	Fundação do primeiro mosteiro budista chinês, o <i>Bai Ma</i> (“Cavalo Branco”).
	136 a 208	O médico taoísta Hua To cria os “Jogos dos Cinco Animais”.
	402	<i>Fundação, segundo a tradição, da Pai-lien She</i> (“Sociedade do Lótus Branco”).
<b>Shaolin</b>	495	Fundação, próximo de Luoyang (Henan), do mosteiro de Shaolin.
	610 a 621	Bandoleiros atacam Shaolin: início da relação entre os monges e a marcialidade. Os monges de Shaolin participam da campanha de Li Shimin contra Wang Shichong, que foi determinante para a implantação da Dinastia Tang.
	1515	O <i>scholar</i> Du Mu redescobre a “Estela do Mosteiro de Shaolin”.
	1553	Participação de “tropas monásticas” em campanhas antipirataria em Zhejiang.
	1621	Cheng Zongyou publica a “Exposição sobre o Método Original de Bastão de Shaolin”.
	Séc. XVI	Aparecimento de artistas marciais itinerantes na China.
	Séc. XVII	Desenvolvimento, em Chenjiagou (Henan), do estilo <i>Tai-Chi-Chuan</i> .
	Séc. XVIII	Desenvolvimento, em Henan e Shanxi, dos estilos <i>Hsing I Chuan</i> e <i>Pa Kua Chuan</i> . Criação da <i>Tiandihui</i> (“Sociedade do Céu e da Terra”). Disseminação da lenda dos “monges fundadores da Tríade”. Segundo a tradição marcial, incêndios destroem os mosteiros de Shaolin em Henan e Fujian.

<b>Pós-Shaolin</b>	1900	Rebelião dos Boxers. Derrota do movimento sectário chinês.
	1917	Mao Tsé-Tung escreve o ensaio “Um Estudo sobre a Cultura Física”.
	Anos 20	Movimento de resgate e institucionalização das artes marciais. Criação de institutos e realização de competições. Em 1928, incêndio no Mosteiro de Shaolin.
	1949	Comunistas chegam ao poder na China. Fuga de mestres do país.
	1954	“Estandardização” dos sistemas marciais na República Popular da China. Criação do moderno <i>Wushu</i> .
	Anos 60	Revolução Cultural Chinesa. Nova debandada de mestres da China. Chega ao Brasil o grão-mestre Chan Kowk Wai (1960).
	1966	Chegada do mestre Lee Chung Deh ao Brasil. Introdutor do estilo Shaolin do Norte na Região Sul do Brasil, na década de 70.
	Anos 80	Reforma e reocupação de Shaolin. Nomeação de um abade para o templo.
	1990	O Wu-Shu é incluído entre os esportes de competição nos Jogos Asiáticos.
	Séc. XXI	O governo da China inicia campanha para transformar o Wu-Shu em esporte olímpico.

**FONTE:** Adaptada de: APOLLONI, 2004, p. 22-23.

**NOTA:** Dados trabalhados pelo autor.

### 2.3.1 – Período Pré-Shaolin: Primeiros Indícios da Marcialidade Chinesa

É no período Pré-Shaolin que ocorrem os primeiros indícios de prática marcial na civilização chinesa. Algumas armas confeccionadas em bronze são encontradas, revelando a origem das movimentações guerreiras na China. Armas semelhantes àquelas são encontradas atualmente em vários estilos de Kung-Fu. O período é marcado pelas inúmeras guerras travadas entre os reinos de “*Chin, Chi, Wei, Wu, Chu e Yueh*”, que levam ao desenvolvimento acelerado de tecnologias e do pensamento militar – é a “*Era dos Reinos Combatentes*.” (APOLLONI, 2004, p. 24-25)

Os primeiros contatos entre a arte marcial chinesa e a religião acontecem no período englobado pela “Dinastia Han Posterior (25 a 220 a.C.)” e tornam-se importantes, pois teriam “...gerado práticas corporais decorrentes da fusão entre preceitos budistas, hinduístas (através do budismo) e taoístas.” (APOLLONI, 2004, p. 26)

É nesta época, também, que surge o “*Jogo dos Cinco Animais*”, criado pelo médico taoísta Hua To. Esses jogos eram exercícios voltados para a saúde e imitavam os movimentos de cinco animais – “da grua, do urso, do tigre, do veado e do macaco”. As artes marciais chinesas, então, passam a assumir aspectos relacionados à atividade física e saúde, o que alguns autores afirmam ser a base da marcialidade chinesa. (APOLLONI, 2004, p. 26-27)

A este respeito, gostaríamos de citar um trecho da entrevista concedida à Revista Oriente pelo Grão Mestre Chan Kowk Wai, introdutor do estilo Shaolin do Norte no Brasil. Quando perguntado sobre os objetivos das artes marciais (tanto no passado quanto no presente), o mestre respondeu:

Na verdade as artes marciais sempre foram voltadas para a saúde em primeiro lugar, mesmo nos tempos antigos. Sempre a saúde em primeiro lugar, a defesa pessoal em segundo e o desenvolvimento da mente em terceiro. Acho que hoje em dia a saúde deve ser mais bem cuidada, já que temos tantas ameaças como a poluição, nervoso [sic], etc. já para a defesa pessoal temos as armas de fogo... (ORIENTE..., 1996, p. 12.)

### 2.3.2 – Período Shaolin: Templo Shaolin, “Berço” do Kung-Fu?

O principal acontecimento deste período é a própria fundação do Monastério de Shaolin (495 d.C.); por esse motivo, centraremos nossa atenção na história desse que é considerado, para além da casa do Budismo chinês, o berço do Kung-Fu.

Contudo, um questionamento se faz pertinente: Como um mosteiro budista pode ser considerado o berço do Kung-Fu, tendo em vista que os principais ensinamentos budistas são o do “respeito a todas as formas de vida” e o da “não-violência”?

Para respondermos a estes questionamentos e realizarmos a investigação sobre a “presença de práticas marciais em Shaolin”, contaremos com a colaboração de dois autores que se dedicaram ao estudo do tema: Meir Shahar (Universidade de Tel Aviv) e Stanley Henning (Asia-Pacific Center for Security Studies em Honolulu, Havaí)<sup>2</sup>.

O Templo de Shaolin<sup>3</sup> foi fundado na cidade de Henan, próximo a província de *Luoyang*, “...antiga capital do império chinês por 960 anos...” (HENNING, 1998, p. 91. Trad. livre do inglês). Está localizado nas encostas do monte *Song* – montanha considerada sagrada vários séculos antes de Cristo, onde o imperador chinês deveria prestar homenagens. (SHAHAR, 2001, p. 361-362. Tradução livre do inglês por APOLLONI, 2003, p. 94-95)

O principal fato histórico sobre o possível envolvimento de Shaolin com as artes marciais está registrado em uma estela (tábua de pedra) erguida em 728 d.C.

---

<sup>2</sup> Os artigos consultados estão listados nas Referências Bibliográficas deste trabalho.

<sup>3</sup> Em português o termo pode ser traduzido como “Floresta Jovem”.

A estela encontra-se no interior do templo e registra a situação em que um grupo de monges defendeu o complexo monástico contra saqueadores em 605 a 618 d.C.. Na mesma estela está registrada a ajuda que trinta monges ofereceram para capturar *Wang Shichong*, que tentará ameaçar a recém-estabelecida Dinastia Tang (618 -907 d.C.). Este último acontecimento ocorreu por volta do ano 621 d.C. e, entre outras coisas, deu o título de “Generalíssimo” a um dos monges participantes, porém, nem neste momento, como nos novecentos anos que se seguiram, há registros que relacionam do Templo de Shaolin com as artes marciais (HENNING, 1998, p. 94-95. Trad. livre do inglês.; SHAHAR, 2001, p. 363. Trad. por APOLLONI, 2003, p. 96). Shahar (2001, p. 364. Trad. por APOLLONI, 2003, p. 96) cita setecentos anos de silêncio a respeito do engajamento do mosteiro em assuntos militares..

Os autores observam que existe uma enorme distância entre o imaginário ocidental e a realidade em torno dos acontecimentos que envolveram o templo. É muito comum nas academias de Kung-Fu atuais escutarmos os praticantes referindo-se ao Templo Shaolin como um verdadeiro campo de treinamento e aprendizagem de técnicas de combate. No entanto, as fontes do período Tang não fazem nenhuma referência ao treinamento militar desenvolvido no templo; é mais provável que os monges que participaram dos eventos citados tenham adquiridos esses conhecimentos fora do mosteiro.

No Ocidente este imaginário é criado, em parte, pelas produções culturais de consumo popular e, muitas vezes, pelos próprios professores de Kung-Fu, que também são consumidores deste tipo de produção.

Sobre a vida monástica, vale observar que as verdadeiras prioridades estavam no estudo, leituras, meditação e trabalho pesado, especialmente para os jovens acólitos, na cozinha, plantações e campos. A prática de artes marciais se assemelhava mais a uma espécie de “diversão” a que tinha acesso um percentual relativamente pequeno de monges que haviam trazido consigo tais habilidades e também, uns poucos religiosos que encontravam tempo para aprender as técnicas e, assim, ajudar a defender o mosteiro. (HENNING, 1998, p. 95. Trad. livre do inglês)

Henning alude a poemas sobre Shaolin produzidos no séc. XVI, período considerado o de maior desenvolvimento das artes marciais na China. Nesses poemas os monges parecem praticar os estilos conhecidos atualmente. O autor fala, também, sobre o general da Dinastia Ming, *Yu Dayou* (1503 a 1580), que teria se desapontado com o que havia visto no templo e pedido para que dois monges o

acompanhassem a campo durante ações antipirataria. Esses monges receberam treinamento militar e voltaram para o templo para ensinarem o que haviam aprendido aos seus companheiros de vida monástica. Várias décadas mais tarde (1659 a 1936), o templo encontrava-se vazio e abandonado, sendo habitado por apenas um ou dois monges idosos que organizavam demonstrações de “pugilismo e bastão”. (HENNING, 1998, p. 96-97. Trad. livre do inglês)

A fama do mosteiro foi diretamente relacionada ao nome ‘*Shaolin*’, colocado à frente das denominações de inúmeros estilos de arte marcial, e também ao mito de que a arte marcial chinesa teria nascido lá. O famoso historiador e patriota da Dinastia *Ming Huang Zongxi* (1610 – 1695) foi parcialmente responsável por esta percepção distorcida. (HENNING, 1998, p. 97. Trad. livre do inglês)

Ao afirmar isso, Henning contraria e desmente o imaginário que sustenta a arte marcial chinesa desde sua introdução no Ocidente. Assim como *Huang Zongxi* supracitado por ele, muitos outros autores que, afirmam terem vivido um período de suas vidas no mosteiro aprendendo artes marciais, escreveram desde epitáfios a manuais de lutas exaltando tais ensinamentos. Porém, o que foi escrito poderia ser relacionado a qualquer tipo de manifestação marcial da época, inclusive as praticadas pelo conjunto da sociedade chinesa. Até mesmo as sociedades secretas ou “tríades” procuravam associar-se à imagem patriótica do mosteiro durante a Dinastia *Ming*. Histórias criadas por estas sociedades confirmavam a presença de monges Shaolin entre seus integrantes. Esses monges teriam sido traídos por alguns membros da corte após terem prestado ajuda ao imperador *Kangxi* e forçados a imigrarem para o sul da China, onde construíram um outro mosteiro e deram origem a vários estilos sulistas de Kung-Fu. A mais famosa tríade chinesa era conhecida como a “Sociedade do Céu e da Terra”<sup>4</sup> e foi instituída por volta do ano de 1769. (HENNING, 1998, p. 97-98. Trad. livre do inglês)

Em 1911, no início da revolução que encerrou o período imperial e deu início à República, outras informações espúrias apareceram no manual de boxe de uma sociedade secreta que, em 1915, viria a ser publicado com o título de “Segredos do Boxe Shaolin” sob o patriótico pseudônimo de “Mestre da Câmara do Auto-Respeito”. Até hoje, boa parte da desinformação dentro e fora da china sobre a origem das técnicas de luta de Shaolin pode ser relacionada a esse livro. (HENNING, 1998, p. 98. Trad. livre do inglês)

---

<sup>4</sup> Em chinês, “*Tiandihui*”.

Outra lenda atribui a origem das artes marciais de Shaolin ao monge indiano *Bodhidharma* (pai do Zen-Budismo). Diz a lenda que ele teria meditado em uma caverna, acima do templo, durante nove anos (entre 525 a 534 d.C.) e que teria ensinado exercícios de meditação em movimento para os monges, que se encontravam enfraquecidos pelas longas horas de meditação estática. Mais tarde, esses exercícios teriam sido refinados pelos próprios monges e transformados em técnicas marciais. O que é desmentido por Henning no trecho que segue:

A percepção errônea de que uma tradição de longa data atribui as origens do boxe chinês a *Bodhidharma* é contraída pelo fato de que esse mito apareceu pela primeira vez em 1907, na novela popular “Viajantes de *Lao Can*”, de autoria de *Liu Tieyun* (1986: 74, 248, n.4). além disso, a noção popular de que as artes marciais chinesas foram de certa forma influenciadas pelo Budismo Chan parece ter como base uma combinação destes e de outros mitos de sociedades secretas, o fato de artes marciais chinesas através do prisma nipônico, ou, então, uma associação equivocada de certos conceitos Zen/samurais com as artes marciais chinesas. (Henning, 1998, p. 100. Trad. livre do inglês)

Como justificativa para a prática marcial por um grupo de monges budistas, criou-se a lenda de *Jinnaluo*, que seria a divindade tutelar do templo e difusora da invencível técnica de bastão aos monges de Shaolin. Esta lenda figurou como reflexo das artes marciais sobre a tradição religiosa do mosteiro, como nos conta Shahr (2001, p. 407. Trad. por APOLLONI, 2003, p. 136-137):

Durante o período Ming tardio monges de Shaolin atribuíram suas técnicas de combate com bastão a uma divindade budista chamada *Jinnaluo*, que eles veneravam no mosteiro como sendo divindade tutelar. A lenda de *Jinnaluo* fortaleceu o prestígio das artes marciais de Shaolin e proporcionou uma sanção religiosa às atividades militares dos monges.

Mesmo com tantas contradições históricas e formas de interpretação que uma sociedade impõe sobre a outra, Henning (1998, p.99. Trad. livre do inglês) confirma (por meio da análise de iconografia presente no próprio mosteiro) que realmente existiu prática marcial em Shaolin, porém não necessariamente originada lá. As artes marciais não eram privilégio de uma casta ou grupo, mas de uma boa parcela da sociedade chinesa.

Os escritos do período *Ming* tardio não deixam dúvidas de que o treinamento militar no interior do templo aconteceu por volta do século XVI, porém, não é possível afirmar com exatidão quando os monges começaram a praticar artes

marciais. No entanto, neste mesmo século, monges participaram efetivamente de campanhas contra a pirataria. O apelo marcial aos monges de Shaolin ocorre por causa do enfraquecimento das tropas da Dinastia *Ming*. Por outro lado, a força militar dos monges incomodava alguns oficiais governamentais, que temiam que os monges voltassem seus punhos contra o Estado. Mas as artes marciais não eram exclusivas do mosteiro de Shaolin. Algumas fontes dos séculos XVI e XVII referem-se à prática marcial em outros centros budistas: Monte Emei (em Sichuan), Monte Wutai (em Shanxi) e Monte Funiu (na parte sul de Henan). Vários outros templos, ainda, ofereciam abrigo para artistas marciais itinerantes. Porém, os monges de Shaolin eram considerados os melhores lutadores; uma razão para o expressivo desenvolvimento marcial desses monges era a localização do templo, no centro da província de Henan, uma das mais pobres e violentas da China. (SHAHAR, 2001, p. 407-408. Trad. por APOLLONI, 2003, p. 136-137)

A partir das contribuições dos autores acima, podemos tecer algumas considerações finais. As artes marciais foram, realmente, praticadas no Templo de Shaolin, principalmente no período que contempla a Dinastia Ming (1368 a 1644). Porém também eram praticadas por outros grupos sociais, o que nos permite inferir que não se originaram no interior do mosteiro.

A relação entre artes marciais e transcendência através do Budismo só é confirmada pela interpretação ocidental, pois, na China, essa relação parece figurar mais como lenda.

Contudo, lendas como essa inundam a compreensão ocidental sobre os objetivos das artes marciais chinesas e dão um outro fim a essas práticas – o de uma formação que contempla técnicas de combate, filosofia marcial, disciplina e elevação ética, moral e espiritual.

### 2.3.3 – Período Pós-Shaolin

Neste período ocorre a instalação da República (1911) e a chegada dos comunistas ao poder (1949). As artes marciais foram influenciadas por essas mudanças. Na primeira, houve uma tentativa de institucionalizar e resgatar os estilos de Kung-Fu existentes. Nos anos 20 foram realizadas as primeiras competições nacionais, e o Kung-Fu começa a incorporar aspectos desportivos. Em 1929, a mando do governo republicano, são criados por toda a China centros de ensino de

artes marciais que, devido à invasão japonesa, transformam-se em instituições clandestinas. (APOLLONI, 2004, p. 49)

A segunda mudança acontece após o término da Segunda Guerra Mundial, quando Mao Tsé-Tung assume o poder. Preocupado com o poder que as artes marciais concediam a seus adeptos, tratou logo de moldá-las: surgiu o *Wushu* (1957) – Kung-Fu Olímpico ou Moderno. Em 1990, o Wushu já era considerado esporte oficial e, desde do início do século XXI, o Comitê Olímpico Chinês esforça-se na tentativa de transformá-lo em esporte olímpico. (APOLLONI, 2004, p. 50)

As transformações na arte marcial chinesa durante o regime comunista não nasceram apenas nos gabinetes da burocracia. As guerras e, nos anos 60, a Revolução Cultural Chinesa, aceleraram o processo e implicaram em uma “disseminação forçada” do Kung-Fu tradicional pelo mundo. Muitos mestres seguiram para Hong Kong, Taiwan, América e Europa, locais onde, atualmente, se concentra o maior volume de praticantes de estilos tradicionais. (APOLLONI, 2004, p. 50-51)

Vários mestres foram obrigados a fugir de seus países de origem para não sofrerem e até serem mortos pela Revolução Cultural Chinesa. Isso implicou na disseminação do Kung-Fu por todo o mundo e, no Brasil, na chegada do estilo Shaolin do Norte.

#### 2.4 – O ESTILO SHAOLIN DO NORTE: do Monte *Song* às Terras Brasileiras

O estilo Shaolin do Norte tem sua origem atribuída à tradição do Mosteiro de Shaolin. Existem inúmeros estilos de Kung-Fu e cada um difere do outro por possuírem características próprias.

Alguns estilos são baseados nos movimentos dos animais, como o tigre, a garça e o “dragão”. Outros se baseiam em elementos da natureza, como o Tai-Chi-Chuan. Alguns, ainda, nascem de atividades cotidianas, como o *Luo Han*, que é baseado na rotina aparentemente praticada pelos monges que guardavam o templo.

Os movimentos do estilo *Shaolin do Norte* foram criados com base nos animais e elementos da natureza; demonstram força e graça ao mesmo tempo. Sua prática, que envolve todas as partes do corpo, foi desenvolvida para aumentar a resistência, força, velocidade, equilíbrio e elasticidade, além de aprimorar a capacidade de concentração e respiração. (Kung Fu – versão curta..., 1998, p. 22)

O estilo Shaolin do Norte foi introduzido no Brasil pelo Grão-Mestre Chan Kowk Wai em meados da década de 60. No Paraná, mais respectivamente na cidade de Curitiba, o estilo foi introduzido pelo Mestre Lee Chung Deh, no início da década de 80.

Chan Kowk Wai é herdeiro direto do Shaolin do Norte, pertencendo à oitava geração de professores do estilo. Contudo, é preciso atentar para a “tradição” que envolve a genealogia<sup>5</sup> do estilo Shaolin do Norte, pois os registros existentes sobre as gerações anteriores a do Grão-Mestre Chan, e que são comprovados por imagens fotográficas, referem-se somente a sexta e sétima gerações: respectivamente, mestre *Ku Yu Cheung* e mestre *Yang Sheung Mo*.

No Brasil, o Grão-Mestre participou da formação do Centro Social Chinês (em São Paulo), no qual foi professor de Kung-Fu durante 12 anos, até a fundação de sua própria academia em 1973 – Academia Sino-Brasileira de Kung-Fu (Kung Fu – versão curta..., 1998, p. 19).

Concomitantemente à fundação de sua academia, criou no início da década de 70 o Sistema Sino-Brasileiro de Kung-Fu, no qual, entre outros elementos iconográficos de caráter religioso, encontramos o nosso objeto de estudos – a “Placa da Ética e da Ancestralidade” (APOLLONI, 2004, p. 132) ou, como a identificamos, a Placa Votiva.

---

<sup>5</sup> A genealogia do estilo Shaolin do Norte, segundo a tradição, está disponível em: <http://www.shaolincuritiba.com.br/genea.html>. Acesso em: 22 out. 2006.

### 3 – A PLACA VOTIVA: “A SENDA MARCIAL”

#### 3.1 – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Após a apresentação do contexto histórico no qual surgiu e desenvolveu-se a arte marcial chinesa, damos início, de fato, à nossa pesquisa.

Abriremos este capítulo apresentando o nosso objeto de estudos – a placa votiva, tradicionalmente encontrada em ambientes de prática de Kung-Fu do estilo Shaolin do Norte. A partir da tradução de seu conteúdo, poderemos elucidar a filosofia marcial específica do referido estilo.

Apresentaremos, também, os lineamentos básicos das três principais correntes filosóficas que influenciaram a civilização chinesa e, conseqüentemente, o Kung-Fu – o Budismo, o Confucionismo e o Taoísmo.

Analisando os conteúdos teórico-filosóficos que norteiam a arte marcial chinesa e, especificamente, o Kung-Fu Shaolin do Norte, poderemos apresentar a pedagogia que envolve tal prática, a qual classificamos como “Paidéia à Chinesa”.

#### 3.2 – A PLACA VOTIVA: TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DIRECIONADOS À FORMAÇÃO DOS PRATICANTES

A placa votiva (fig. 2)<sup>6</sup> é um dos elementos iconográficos que compõe o universo semântico não-corporal do Sistema Sino-Brasileiro de Kung-Fu. A escolhemos como nosso objeto de estudos pois nela estão contidos os ensinamentos filosóficos e os valores ideais que norteiam a prática deste estilo de Kung-Fu. Porém, apesar de ser um elemento encontrado especificamente nas academias brasileiras de Shaolin do Norte<sup>7</sup>, acreditamos e defendemos que o conteúdo filosófico que ela carrega permeia toda a história da arte marcial chinesa, que, por sua vez, engloba todos os estilos de Kung-Fu existentes.

Tradicionalmente, nas academias de Shaolin do Norte, encontramos um altar em lugar de destaque, posicionado no alto da parede principal para qual os

---

<sup>6</sup> Imagem: Academia Senda, novembro de 2006. Foto do autor.

<sup>7</sup> Apesar de ser um dos ícones do Shaolin do Norte, a Placa Votiva não é encontrada em todas as academias brasileiras do estilo.

alunos se voltam durante o treinamento. Esse altar (fig. 3)<sup>8</sup>, aparentemente, parece possuir duas finalidades: uma de cunho institucional-normativo (destinada a orientação de uma linha de conduta) e a outra, de cunho religioso (voltada ao culto dos antepassados). Esta hipótese é gerada ao encontramos, incorporados ao altar, tanto as fotos de antigos mestres falecidos quanto a Placa Votiva. A saudação tradicional, que alunos e professores realizam em sinal de respeito quando entram e saem das áreas de treinamento, são direcionadas a esses altares. (APOLLONI, 2004, p.151)



Fig. 2 (E)-Placa votiva do estilo Shaolin do Norte; Fig. 3 (D)-Placa no contexto do altar da Academia Senda.

Apesar de estar localizada em um local ao qual todos se dirigem em sinal de respeito, a placa é um elemento, muitas vezes, incógnito para os praticantes, pois é composta exclusivamente por ideogramas chineses arcaicos, que “estão dispostos de acordo com uma configuração ‘clássica’, que implica em um sentido mais simbólico que o da escrita comum” (APOLLONI, 2004, p. 145). No entanto, o conteúdo teórico-filosófico da placa é transmitido aos praticantes através dos professores, que o utilizam com o propósito de embasamento e legitimação dos conteúdos práticos. A seguir, apresentaremos a transcrição da tradução realizada por Apolloni<sup>9</sup>, que contou com o apoio do médico acupunturista Pan Yi Bo. A tradução segue a numeração determinada na figura 4.

<sup>8</sup> Imagem: Academia Senda, novembro de 2006. Foto do autor.

<sup>9</sup> A transcrição integral (texto e figuras), assim como a liberdade de adaptação a este trabalho, foi autorizada pelo autor do texto. O trecho transcrito e adaptado segue uma formatação específica. O trecho original encontra-se disponível em: Apolloni, 2004, p. 147-150.



### Entendimento dos Termos:

**表師世萬** (1) – **Título** – Os ideogramas de “abertura” da placa do Shaolin do Norte (leitura da esquerda para a direita) são, seguramente, a melhor indicação do direcionamento confucionista desse elemento iconográfico. Literalmente, segundo o médico acupunturista Pan Yi Bo (tradutor), os ideogramas podem ser traduzidos por algo como “*Mestre Exemplar, Modelo Eterno*”, título tradicionalmente atribuído a Confúcio.

**教文教武能應世** (2) – **Código Ético 1** - Nessa coluna (leitura de cima para baixo), segundo o tradutor, está delineado o papel do verdadeiro mestre de uma arte marcial. Literalmente, os ideogramas poderiam ser traduzidos por algo como “*Ensino de Cultura, Filosofia e Artes Marciais – para Servir o Mundo*”. Novamente, a presença é confucionista, ligada, aparentemente,

aos valores fundamentais de Reverência Fraternal (*Ti*), Propriedade (*Li*), Honradez (*I*) e Integridade.

**有方有法是真傳** (3) – **Código Ético 2** – Nessa coluna (leitura de cima para baixo), segundo o tradutor, está uma afirmação da qualidade da arte ensinada. Literalmente, os ideogramas podem ser traduzidos por algo como “*Conhecimento correto, forma, maneira, técnica, princípios – Arte marcial ministrada é original e correta.*” Aqui, os elementos se ligam, em um primeiro momento, à afirmação da qualidade do mestre; a “tradução confucionista” se dá pela associação com os princípios de Lealdade (*Hsin*) – para com os alunos, Propriedade (*Li*) – dos conhecimentos, Honradez (*I*) – na afirmação chancelada, por escrito, dos conteúdos que o mestre domina, e Integridade (*Lien*) – na correção e originalidade dos ensinamentos.

**供** (4) – **“Oferecer”** - Aqui, mais uma vez, está presente um elemento confucionista. “Oferecer”, sem dúvida, remete ao mandamento confucionista de “Servir o Mundo”.

**奉** (5) – **“Servir”** – A palavra é a própria essência do Confucionismo, na razão em que remete à virtude e ao desprendimento como qualidades fundamentais ao ser humano correto.

**周通** (6) – **“Zhou Tong”** –. A primeira referência encontrada relaciona *Zhou Tong* (o “Pequeno Rei”) a *Yue Fei* (14). Ele teria ensinado ao general de Song as técnicas de um estilo de Kung-Fu chamado *Chuojiao*.<sup>10</sup> A segunda referência é literária: *Zhou Tong* é um dos personagens da novela clássica “Os Fora-da-Lei do Pântano” (também conhecida como “Crônicas da Margem das Águas”), escrita entre 1290 e 1400 por Shi Nai’na e Luo Guanzhong. A novela se refere a fatos reais ocorridos no período de vida de *Yue Fei*.

**竹賴** (7) – **“Zu Lai Tzu”** – De todos os componentes da placa, este foi o de tradução mais incerta. Em princípio, *Zu Lai* é um termo budista chinês oriundo da transliteração do termo indiano *Vairocana*, “aquele que vem com o sol”. O mais intrigante, em relação ao termo, é a terminação *Tzu*, que, em

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.chinavoc.com/kungfu/schools/cata\\_chj.asp](http://www.chinavoc.com/kungfu/schools/cata_chj.asp). Acesso em 21 jun. 2004.

princípio, poderia ser traduzida como “Venerável” ou “Sábio”. Não acreditamos que essa terminação possa ser aplicada à divindade, uma vez que, normalmente, designa seres humanos. Além disso, há que se considerar o contexto da placa: em um elemento iconográfico quase que exclusivamente confucionista (à exceção dos elementos *Ta Mo* e *Sao Lin*, relacionados a uma existência temporal), a presença de uma figura budista altamente esotérica parece incongruente.

**張憲** (8) – **“Zhang Xian”** – Genro de *Yue Fei* (14), se manteve leal a ele. Acabou preso, executado e sepultado junto com o sogro e com o cunhado, *Yue Yun*.<sup>11</sup>

**岳雲** (9) – **“Yue Yun”** – A referência, nesses ideogramas, é a um indivíduo, mais propriamente a *Yue Yun*, filho mais velho de *Yue Fei* (14).

**少林起教達摩祖** **師岳武夫子神位** (10) – **“Genealogia Shaolin”**<sup>12</sup> – A finalidade do texto central da placa do Shaolin do Norte é indicar a origem do estilo praticado. Tanto, que os dois primeiros ideogramas (leitura de cima para baixo) são *Sao e Lin – Shaolin*. A coluna ainda relaciona os nomes de *Ta Mo* (Bodhidharma)<sup>13</sup> como fundador da arte marcial e, também, o de *Yue Fei/Yue Wei* (14).

**少林** (11) – **“Sao Lin” (Shaolin)** – “Floresta Jovem”, nome do mosteiro construído por volta de 495 na encosta do Monte Song (*Songshan*), em Henan.<sup>14</sup>

**起教** (12) – **“Fundador”** – Os dois ideogramas identificam *Ta Mo* (13) como fundador da marcialidade em Shaolin.

**岳武** (13) – **“Ta Mo (Bodhidharma)”** – Considerado o patriarca do Zen Budismo, Bodhidharma teria chegado à China no início do século VI. Ele teria vivido no mosteiro de Shaolin por sete anos, entre 520 e 527.

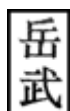
<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.chinatraelclub.com/topsight/19.asp>. Acesso em: 21 jun. 2004.

<sup>12</sup> Por razão de editoração, dividimos a coluna em dois blocos. A leitura deve ser feita de cima para baixo, começando pelo bloco da esquerda.

<sup>13</sup> Sobre *Ta Mo*, ver cap. 2 da dissertação de Apolloni, 2004, p. 20-58.

<sup>14</sup> Sobre *Shaolin*, ver seção 2.3.2 desta monografia.

Segundo a tradição das artes marciais, ele teria ensinado aos monges uma série de técnicas respiratórias que estariam na base do estilo de luta originário do templo.<sup>15</sup>



(14) – **“Yue Fei/Yue Wan”** – Como observado no item 6, *Yue Fei* foi um general da Dinastia Song. Ainda sobre este personagem, vale observar que ele foi alçado à condição de divindade pela religiosidade popular. Herói nacional, passou a ser reverenciado como padroeiro dos exércitos e, no norte da China durante a primeira metade do século XX, como “Deus da Guerra”.

Como é possível observar, o conteúdo da placa remete a valores confucionistas e a referenciais histórico-geográficos budistas. Os personagens que aparecem imortalizados na placa também estão relacionados ao Confucionismo, pois são considerados homens e/ou heróis de guerra que seguiram e transmitiram fielmente esses ensinamentos, e transformaram-se em modelos de conduta da tradição marcial chinesa.

Porém, outra corrente filosófica e/ou religiosa também está presente na cultura chinesa – o Taoísmo. Elementos iconográficos que remetem a esta corrente são encontrados nos uniformes adotados pelas academias brasileiras de Shaolin do Norte (APOLLONI, 2004, p. 133). Entre os exemplos de tais elementos estão os termos *Lho Hã* (fig. 5) e *Tai Chi* (fig. 6)<sup>16</sup>.



Fig. 5 - Lho Hã

O termo *Lho Hã* pode ser traduzido como “harmonia”, o que indica uma relação com conceitos chineses de energia (*Chi*) e com uma dinâmica universal. (APOLLONI, 2004, p. 139)

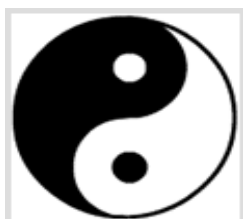


Fig. 6 - Tai-Chi

O termo *Tai Chi*, provavelmente, é de origem Taoísta e pode ser traduzido como “o grau supremo” ou “aquele que, por sua grandeza, não é mensurável”. A figura mostra as duas polaridades universais, o *Yin* e o *Yang*. (APOLLONI, 2004, p. 134)

<sup>15</sup> Sobre a historicidade do “mito de *Ta Mo*”, ver o cap. 2 da dissertação de Apolloni, 2004, p 20-58.

<sup>16</sup> As figuras foram extraídas, exatamente, das referências textuais relacionadas a elas.

A seguir, traçaremos os lineamentos básicos das correntes filosóficas encontradas no Shaolin do Norte, com a intenção de vislumbrar os valores que formam o pano de fundo deste estilo.

### 3.2.1 – Budismo<sup>17</sup>

Como já destacamos, a relação entre Budismo e Artes Marciais Chinesas restringiu-se ao fato de este tipo de prática ter ocorrido no interior do mosteiro de Shaolin – um ícone reconhecido tanto pela comunidade budista quanto pela marcial. De acordo com Apolloni (2004, p. 154), “o Budismo aparece ligado, fundamentalmente, ao nome do mosteiro de Shaolin (em alguns altares aparecem, ainda, imagens budistas).”

No entanto, notamos – e, a nossa experiência nos permite afirmar – que o Kung-Fu Shaolin do Norte (pelo menos, no Brasil), se apropriou de alguns valores budistas, convertendo-os nos conteúdos teórico-filosóficos que respaldam a prática.

Antes, porém, de delinear os quais são esses valores, é necessária uma breve descrição sobre o histórico do Budismo.

Nascido na Índia, o Budismo é composto por um conjunto de tradições religiosas e ensinamentos ético-filosóficos. Por possuir estas características, não é considerado simplesmente uma religião, mas uma tradição que contempla e transcende aspectos religiosos, psicológicos e filosóficos. É, em outras palavras, um caminho que conduz ao fim do sofrimento humano.

Um mesclado de mito e lenda atribui a origem e propagação do Budismo ao príncipe indiano Siddhartha Gautama, considerado pelos budistas como o “Buda Histórico” (BUDDHA..., 2006)<sup>18</sup>. De acordo com a tradição, Siddhartha teria nascido por volta do século VI a.C., no nordeste da atual Índia. Membro de uma família muito rica, foi educado pelos melhores professores do seu tempo, tornando-se um *expert*

---

<sup>17</sup> A fonte fundamental de informação utilizada para o desenvolvimento do tema “Budismo” foi o site <http://www.dharmanet.com.br>. Acesso em: 22 out. 2006. Este site é considerado o maior portal de informações sobre Budismo em português. Para evitar a citação reiterada dessa fonte, optamos por referir em citações apenas informações decorrentes de outras fontes. O leitor deve considerar todos os demais dados como extraídos da fonte supracitada.

<sup>18</sup> Em nosso trabalho, optamos pela forma dicionarizada “Buda”. A grafia “*Buddha*”, porém, é mantida nas citações.

em vários campos do conhecimento. Também desenvolveu grandes habilidades marciais.

Siddhartha vivia recolhido em seus luxuosos palácios e não conhecia a realidade cruel da sociedade à qual pertencia. Quando saiu pela primeira vez dos seus palácios, deparou-se com o sofrimento do povo indiano e, frustrado com o que viu, renunciou a vida imperial, deixando filho e esposa, para se dedicar ao caminho espiritual e “encontrar o fim do sofrimento”. “Como símbolo de sua renúncia, Siddhartha cortou seus longos cabelos com uma espada” (BUDDHA..., 2006). O corte de cabelo baixo, quase careca, é o símbolo budista para a renúncia material. Este fato é interessante, pois muitos praticantes brasileiros de Kung-Fu raspam suas cabeças como se simbolizassem que são praticantes de artes marciais, mas não atentam para o fato de que, na verdade, este é um símbolo budista e não marcial.

Durante seis anos, isolado em uma floresta e privando-se dos prazeres materiais, até mesmo não se alimentando, Siddhartha percebeu que um tal estilo de vida não traria o fim do sofrimento. “Subitamente, ele compreendeu que a entrega aos prazeres mundanos e ao ascetismo são dois extremos; o ideal é seguir um caminho intermediário, o caminho do meio.” (BUDDHA..., 2006)

Então, viajou a cidade de *Bodh Gaya*, onde se acreditava que os seres iluminados do passado atingiram o despertar, sentou-se sob uma figueira e jurou que só se levantaria quando atingisse a Iluminação. “O despertar, ou iluminação, é o estado mais elevado de virtude e sabedoria. No buddhismo não existe o conceito de ‘pecado original’ porque todos os seres têm o potencial de atingir o despertar.” (BUDDHA..., 2006)

Após três dias de vigília, Siddhartha atingiu o *bodhi* - a Iluminação, o Despertar. “A partir de então, ele passou a ser conhecido como Buddha – o Iluminado, o Desperto – e como Shakyamuni – o Sábio dos Shakyas” (BUDDHA..., 2006). Desde então, Buda passou a viajar constantemente para transmitir o *Dharma* – os ensinamentos budistas.

Os ensinamentos do budismo têm como estrutura a idéia de que o ser humano está condenado a reencarnar infinitamente após a morte e passar sempre pelos sofrimentos do mundo material. O que a pessoa fez durante a vida será considerado na próxima vida e assim sucessivamente. Esta idéia é conhecida como carma. Ao enfrentar os sofrimentos da vida, o espírito pode atingir o estado de nirvana (pureza espiritual) e chegar ao fim das reencarnações. (ORIGEM..., 2006)

Os principais ensinamentos budistas são divididos em “quatro nobres verdades” (PERGUNTAS..., 2006):

- 1 – Todos os seres estão sujeitos ao sofrimento (velhice, doença, morte, insatisfação, etc.);
- 2 – O sofrimento surge de causas (cobiça, raiva, ignorância, etc.);
- 3 – Ao eliminarmos as causas, o sofrimento é eliminado;
- 4 – Praticando o nobre caminho óctuplo, o sofrimento e suas causas são eliminadas.

O Nobre Caminho Óctuplo (ver tabela 3), “é o caminho ensinado pelo Buddha que conduz ao despertar. Ele recebe este nome por ser dividido em oito práticas, geralmente agrupadas em três treinamentos.” (PERGUNTAS..., 2006)

**TABELA 3 – O NOBRE CAMINHO ÓCTUPLO**

<b>Os Três Treinamentos Superiores</b>	<b>O Nobre Caminho Óctuplo</b>
I. Sabedoria	1. Visão Correta 2. Pensamento Correto
II. Ética (ou Moralidade)	3. Fala Correta 4. Ação Correta 5. Meio de Vida Correto
III. Meditação	6. Esforço Correto 7. Atenção Correta 8. Meditação Correta

**FONTE:** <http://www.dharmanet.com.br/intro/dharma.php>. Acesso em: 22 out. 2006.

Dentre esses três treinamentos a meditação é o mais importante, pois através desta prática elimina-se da mente os aspectos negativos (cobiça, raiva e ignorância) e cultivam-se os aspectos positivos (generosidade, compaixão e sabedoria). (PERGUNTAS..., 2006)

A filosofia budista possui, também, um código ético que define os comportamentos morais essenciais aos seguidores do Budismo: “não matar; não roubar; não ter uma conduta sexual indevida; não mentir e não usar intoxicantes.” (PERGUNTAS..., 2006)

Esses, então, são os lineamentos básicos dos ensinamentos e da filosofia budista. “Atualmente, o Budismo é a religião mais difundida na Ásia, onde conta com aproximadamente 300 milhões de seguidores” (PERGUNTAS..., 2006). Tamanha propagação gerou a criação de várias escolas budistas. Todas as escolas possuem um núcleo comum de ensinamentos, como as Quatro Nobres Verdades e o Nobre Caminho Óctuplo, porém enfatizam determinados aspectos e práticas do ensinamento budista.

Na China, a tradição budista predominante é a *Mahayana* ou “Grande Veículo”, uma de suas principais vertentes é o Budismo Chan. A principal prática desta escola é a meditação<sup>19</sup>.

### 3.2.2 – Confucionismo

*Kong Fu Tseu* (ou Confúcio, seu nome latinizado), teria nascido no ano 551 a.C., uma época culturalmente pouco promissora na China. Foi um dos personagens mais influentes na história chinesa, pois, dono de uma visão política-social reformadora, foi capaz de influenciar toda uma nação com sua filosofia – o Confucionismo (CONFÚCIO, 1978, p. 11-12).

Confúcio dedicou-se desde muito cedo aos estudos. Ainda adolescente já era considerado erudito, temia chegar à velhice sem nenhum conhecimento e, por isso, acreditava que a educação era um dos mais importantes caminhos da vida.

Adotava como princípio de seus estudos que se deve “aprender a cada dia alguma coisa que se ignora e cada mês assegurar-se de que nada se esqueceu.” (CONFÚCIO, 1978, p. 13)

Podemos fazer uma analogia simples comparando o método formulado por Confúcio e os métodos aplicados na educação moderna, com aulas diárias (conhecimento novo a cada dia) e com avaliações mensais ou bimestrais (a cada mês assegurar-se de que nada se esqueceu).

Mas o Confucionismo vai além da educação. É quase uma religião, apesar de não ser esse o objetivo de Confúcio ao formular seus ensinamentos. Segundo reportagem publicada na revista “Super Interessante” (SGARIONI, 2004, p. 44), “o Confucionismo pode ser entendido como um conjunto de normas de comportamento.” Uma mistura de filosofia, ética, política e educação, o Confucionismo estabelece um meio simples de vida em sociedade, em que a ética e a moral prevalecem e estabelecem o caminho a ser seguido.

“Gosto que meus pensamentos fiéis sigam um caminho sempre rastreado e alcancem sempre a presa” (CONFÚCIO, 1978, p.19). Confúcio defendia que a educação e o conhecimento deveriam ser acessíveis a todos sem restrição. Por isso, seus ensinamentos eram simples e de fácil compreensão.

---

<sup>19</sup> Em chinês, “*Chan*”.

O conceito central do Confucionismo é “Eqüidade e Reciprocidade”. Primando pelo respeito às pessoas e às propriedades, as quais considerava a base da sociedade, Confúcio entendia que o Estado deveria cuidar do povo, e o povo devia respeito ao Estado. Governando com justiça, todos teriam acesso aos mesmos benefícios e a ordem estaria estabelecida. (CONFÚCIO, 1978, p.24)

A eqüidade, a igualdade entre as pessoas, os direitos e deveres respeitados. O conceito de reciprocidade, a idéia de que a honestidade dos governantes inspira a honestidade do povo. Seu pensamento político incomodava muito os detentores do poder. Em uma época em que a desordem tomava conta da China, a divisão entre os estados era acentuada por disputas de poder entre as grandes famílias, a forma de governo pregada por Confúcio ameaçava os soberanos e, por diversas vezes, o sábio era alvo de conspirações.

A reforma política que Confúcio pregava estava baseada em fortes conceitos de moral e ética. Novamente entra em cena o seu conceito central de eqüidade e reciprocidade. Um governante que não baseia sua vida com moralidade e ética não pode esperar nem cobrar de seu povo ética e moral.

Para Confúcio, alguns princípios eram fundamentais para a boa convivência em sociedade. Esses princípios, quando seguidos por todos, tornam a convivência mais harmônica e o resultado é que a liberdade e a riqueza podem ser aproveitadas por todos, independente da posição social que ocupam.

Os princípios são todos baseados na família. “A família é a unidade fundamental e básica na estrutura Confucionista. O indivíduo, conquanto não se o ignore, opera na base do lar” (CONFÚCIO, 1978, p. 46). Para melhor entender o objetivo de Confúcio ao pensar a sociedade organizada através da família, elencamos alguns de seus princípios, de acordo com Sgarioni (2004, p. 45):

- “Honradez entre súditos e governantes”;
- “Piedade Filial”;
- “Separação de Funções entre marido e mulher”;
- “Compreensão entre anciãos e jovens”;
- “Fidelidade entre amigos”.

A piedade filial talvez seja a característica mais importante do sistema Confucionista. Segundo o confucionismo, a piedade filial requer, em geral, que uma pessoa proveja liberal, respeitosa e afetuosamente, as necessidades e carências dos pais – enquanto vivos - e conserve deles –

quando mortos – uma lembrança cheia de respeito e afeição. (CONFÚCIO, 1978, p. 47)

O conceito confucionista de piedade filial aproxima-se do mandamento judaico-cristão “honrar pai e mãe”. Apesar da proximidade entre os dois princípios, o pensamento Confucionista nasceu alguns séculos antes de Cristo; e as semelhanças com o Cristianismo vão além. O princípio de que “governar é endireitar o povo” (CONFÚCIO, 1978 p. 48), determinando que a moral e a ética prevalecem e conduzem o povo a uma conduta reta, também são princípios cristãos. Porém, no Cristianismo os princípios são exemplos divinos a serem seguidos e, não humanos, como no Confucionismo.

Todos os pensamentos e ensinamentos de Confúcio são diretamente ligados uns aos outros, um leva à reflexão do outro. Para ilustrarmos essa afirmação, utilizamos a interpretação de Sgarioni (2004, p. 51):

Um governo é feito de homens e não de leis. As leis são um convite à corrupção. A coesão social só pode ser alcançada a partir da observância dos ritos. No Confucionismo, a palavra rito pode ser entendida como bons costumes e hábitos herdados dos ancestrais.

Este pensamento está ligado à piedade filial – costumes herdados dos pais – que, por sua vez, está ligada ao princípio de moral e ética como único caminho a ser seguido (não seguir as leis, mas aos bons costumes), e à família como base da sociedade.

Em suma, como já descrito anteriormente, o Confucionismo pode ser entendido como um conjunto de normas a serem seguidas. Porém, diferente das leis, que Confúcio julgava ineficientes, as “normas”, ensinamentos formulados por ele, são princípios simples, que não podem ser seguidos separadamente, mas que se complementam e indicam um caminho para uma vida mais justa.

### 3.2.3 – Taoísmo

Dentre as correntes filosóficas dominantes no Extremo Oriente, o Taoísmo é, sem dúvida, a mais complexa e a que melhor expressa a cultura e o pensamento da civilização chinesa.

Atribui-se a criação do Taoísmo à figura de *Lao Tsé*<sup>20</sup>, um homem muito sábio que teria sido contemporâneo de Confúcio, porém a pouca informação histórica que dele nos resta não nos permite comprovar se a história de sua vida é real ou fantasiosa.

De qualquer forma, o que nos interessa são os ensinamentos que, segundo a tradição chinesa, ele nos deixou e que estão compilados em sua única obra – o *Tao Te King*. O título de sua obra pode ser traduzido para o português aproximado como o “Livro do Sentido e da Vida” (TSÉ, 2002, p. 8). Este, inferimos, é o propósito de seus ensinamentos, desmistificar o sentido da vida e a ordem de todas as coisas. O objeto dos seus ensinamentos, na falta de um termo apropriado, recebeu o nome de *Tao*, que pode ser interpretado como: “caminho, virtude”. (GRANET, 1997, p. 191)

Os ensinamentos que Lao Tsé transmitia não eram de sua autoria, mas imemoriais, apenas meditados e interpretados por ele (TSÉ, 2002, p. 9). Dessa mesma forma, tentaremos delinear os princípios básicos do Taoísmo.

Os ensinamentos taoístas, assim como toda filosofia chinesa, baseiam-se nos conceitos de *Yin* e *Yang*. Estes elementos constituem o equilíbrio universal; são entendidos como duas forças antagônicas e ao mesmo tempo complementares. Quando estão em equilíbrio, a ordem natural de todas as coisas fluirá, também, equilibrada.

Segundo Granet (1997, p. 208), podemos interpretar da seguinte forma:

O Yin e o Yang não se opõem à maneira do Ser e do Não-Ser, nem tampouco à maneira de dois Gêneros. Longe de conceber uma contradição entre dois aspectos *yin* e *yang*, admite-se que eles se completam e *perfazem* (*cheng*) um ao outro – tanto na realidade quanto no pensamento.

Em outras palavras, a filosofia taoísta sugere que os homens contemplem e sujeitem-se às leis da natureza, pois só assim terão uma vida harmoniosa. Para isso, devem praticar a moderação, a compaixão e a humilhação. Esta tríade constitui a doutrina básica do Taoísmo, conhecida como as *Três Jóias*. (TAOÍSMO..., 2006)

O caminho para se alcançar este equilíbrio universal seria o Tao. Para compreendermos o real sentido deste termo, podemos, tranquilamente, relacioná-lo a um outro, de fácil entendimento para nós ocidentais, ou seja, “Deus”. Porém, não

---

<sup>20</sup> Em chinês, “Velho Sábio”.

se atribui ao Tao à origem de todas as coisas, mas consideram-no o centro regulador da vida e do universo.

Como o Yin e o Yang, o Tao é uma categoria concreta; não é um Princípio primordial. Ele rege realmente a articulação de todos os grupos de realidades atuantes, mas sem ser considerado uma substância ou uma força. Exerce o papel de um Poder regulador. Não cria os seres: faz com que eles sejam como são, Rege o ritmo das coisas. Toda realidade é definida por sua *posição* no Tempo e no Espaço; em toda realidade está o Tao; e o Tao é o ritmo do Espaço-Tempo. (GRANET, 1997, p. 203)

Após essa introdução sobre os aspectos filosóficos que permeiam o conceito de Tao, apresentaremos uma das definições que nos oferece o “velho mestre” Tsé (2002, p. 81):

O Tao, sendo eterno, carece de nome  
Sua simplicidade, ainda que pequena, não pode ser utilizada por pessoa alguma  
Se príncipes e governantes pudessem se ater a ele  
Todas as coisas por si mesmas se lhes submetiriam  
Céu e Terra estariam unidos para chover-lhes seu doce rocío  
O povo, livre de governo, viveria em absoluta harmonia  
No princípio, houve a necessidade de dar-lhe um nome  
Então, ele foi enunciado  
Mas aquele que sabe dar nome às coisas  
Não deve esquecer que existe o inominável  
Conhecendo isto, sabe o que jamais perece  
Assim como as ravinas e os vales  
São para os rios e arroios  
Os rios e arroios reinam sobre os vales  
E suas águas descem para o mar  
Assim, o Tao Eterno pode ser comparável aos rios, que buscam o repouso no mar

As palavras do mestre são difíceis de ser interpretadas e sugerem um subjetivismo de quem o faz – por este motivo, deixemos ao leitor essa tarefa.

Contudo, para efeito de pesquisa, definimos como o ensinamento básico do Taoísmo à idéia de uma vida simples e equilibrada, caracterizada pela aceitação das leis naturais que regem a vida humana, ou seja: nascer, envelhecer e morrer.

Outro ensinamento importante é a condenação feita às armas e a guerra. Para Tsé (2002, p. 76-79, p.155), um grande general deveria manter-se humilde perante seus soldados e vencer suas batalhas sem precisar lutar. A matança deve ser a última hipótese e, caso aconteça, não deve ser motivo de orgulho ou prazer. Para isso, o Homem precisa conhecer a sua própria natureza, assim como a

natureza de todas as outras coisas. A citação a seguir ilustra, perfeitamente, o que quer nos dizer Lao Tsé.

Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas. (TZU, 2004, p.28)

Por fim, destacamos um outro ensinamento que compõe o núcleo básico taoísta – a idéia de que o mais fraco e flexível é capaz de impor-se sobre o mais forte e rígido (TSÉ, 2002, p. 105).

Podemos utilizar a analogia da água – a substância mais maleável que conhecemos e que é capaz de penetrar e corroer o mais forte dos metais, por exemplo. Em outras palavras, através da “não-ação” ou da imparcialidade, o mais fraco pode sobrepujar o mais forte.

### 3.3 – A PEDAGOGIA DO KUNG-FU SHAOLIN DO NORTE

Com base nas informações apresentadas acima e na nossa experiência marcial, descreveremos a pedagogia adotada neste ambiente de ensino da arte marcial chinesa.

É claro que não queremos fazer uma generalização, afirmando que em todas as academias brasileiras do sistema Sino-Brasileiro de Kung-Fu o modelo de ensino adotado seja o mesmo. Mas, apenas, destacamos este modelo (o da Academia Senda) que, no nosso julgamento, é capaz de contribuir para um processo de formação humana diferenciado, complementando a formação ocidental tradicional, ou seja, a que acontece no interior das instituições de ensino – as Escolas.

Também, não é nossa intenção julgar em termos de “certo” ou “errado”, “melhor” ou “pior”. Intencionamos, apenas, descrever em termos gerais a dinâmica pedagógica do Kung-Fu Shaolin do Norte, demonstrando a relação entre os conteúdos teórico-filosóficos e o aprendizado das técnicas marciais, ou seja, a relação entre teoria e prática que acontece nas aulas.

Essa relação nem sempre é consciente ou mediada pelo professor de Kung-Fu. Como já mencionamos anteriormente, não são todas as academias de Kung-Fu

Shaolin do Norte que possuem a placa votiva e, mesmo algumas que a possuem, não conhecem, não transmitem ou não compreendem a tradução e o significado do conteúdo expresso por ela.

Dessa forma, os conteúdos são intuídos por alunos e professores que, muitas vezes, buscam subsídios em fontes teóricas de conhecimento popular. Estas fontes ocupam o campo da “representação” e da “auto-representação”, respectivamente, como o não-praticante e o praticante concebem o Kung-Fu (APOLLONI, *op. cit.* p. 89).

É no campo da auto-representação que, inferimos, acontece uma das etapas do processo de formação humana pela arte marcial chinesa.

No caso da Academia Senda, ao lado do altar (no qual está alocada a Placa Votiva), encontra-se um quadro com a tradução da mesma, acessível a todos os praticantes. Além disso, durante as aulas os professores procuram incutir em seus alunos valores éticos e morais, através da transmissão oral dos conteúdos filosóficos marciais (Budismo, Confucionismo e Taoísmo).

Esses conteúdos “não-corporais” estão sempre relacionados ao ensino e ao emprego das técnicas marciais. Em alguns casos, assumem um caráter abstrato, como por exemplo, no respeito à hierarquia marcial. Essa seria outra etapa do processo de formação humana pela arte marcial chinesa.

Para facilitar o entendimento do que queremos afirmar quando trazemos a relação entre “teoria e prática” na arte marcial chinesa, elaboramos uma tabela na qual a apresentamos, genericamente (ver tabela 4).

A tabela possibilitará a visualização da relação existente entre os conteúdos “não-corporais”, que são transmitidos oralmente pelos professores de Kung-Fu, e os conteúdos teórico-filosóficos que expressam a base do pensamento chinês que, por sua vez, constituem a base filosófica do Sistema Sino-Brasileiro de Kung-Fu.

TABELA 4 – PEDAGOGIA DA MARCIALIDADE CHINESA: RELAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA

CONTEÚDO PRÁTICO “NÃO-CORPORAL”	CONTEÚDO TEÓRICO-FILOSÓFICO			EXPLICAÇÃO
	BUDISMO	CONFUCIONISMO	TAOÍSMO	
<b>Hierarquia Marcial</b>	- Sabedoria  - Visão e Pensamento Corretos	- Compreensão entre Anciãos e Jovens  - Modelo de Conduta  - Família	- Humilhação (no sentido de humildade)	O respeito à hierarquia marcial funciona como em uma família: respeito aos mais velhos e aos praticantes com mais tempo de prática.
<b>Defesa Pessoal</b>	- Ética e Moralidade  - Ação Correta	- Servir ao Mundo  - Honradez  - Conhecimento Correto  - Equidade	- Não-ação  - Moderação  - Condenação às Armas e a Guerra  - Compaixão	A arte marcial só deve ser utilizada para o bem ou em casos extremos, como para a defesa pessoal.
<b>Valores Marciais:</b> - Disciplina - Respeito - Cortesia - Coragem - Perseverança	- Caminho Óctuplo	- Modelo de Conduta  - Conhecimento Correto	- Moderação	O praticante deve adestrar-se no caminho marcial para transformar-se num indivíduo melhor.
<b>Auto-Conhecimento</b>	- Caminho Óctuplo	- Integridade	- Leis da Natureza  - Yin e Yang	O objetivo principal não é conhecer as técnicas marciais para derrotar o adversário, mas para derrotar o “falso eu”.
<b>Equilíbrio: Corpo, Mente e Espírito</b>	- Meditação	- Integridade	- Tao: equilíbrio universal  - Yin e Yang	Não basta apenas possuir um corpo fisicamente bem preparado. O objetivo maior a formação do Homem Integral.

Uma última etapa do processo de formação pela arte marcial chinesa localizamos na figura do professor ou mestre de Kung-Fu. É na imagem que este transmite que os praticantes encontram o modelo de conduta ou modelo de indivíduo que devem perseguir para transformar-se em artistas marciais virtuosos. Talvez esta seja a etapa mais importante desse processo, porém, a mais subjetiva também. Pois cada praticante fará uma representação singular do seu professor, exaltando as características que lhe são mais relevantes.

Ao desenharmos as três etapas do processo de formação pelo Kung-Fu, não pretendemos fixá-las como únicas ou eternizá-las. Nossa intenção foi facilitar o entendimento do leitor; isso não quer dizer que sejam apenas três etapas ou que elas aconteçam na ordem que as apresentamos, mas que elas existem e que, talvez, possam contribuir para um modelo de educação e formação legítimo e eficaz.

### 3.4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS AO CAPÍTULO

Para sustentarmos a Pedagogia da Marcialidade Chinesa apresentada e defendermos a existência de um modelo de formação humana através da prática do Kung-Fu, a qual classificamos como “Paidéia à Chinesa”, nos apropriamos do paradigma grego para a formação humana integral.

*Paidéia* é um termo grego utilizado para se referir a um conceito de educação ampliado, ou seja, o que engloba “...o conjunto de todas as exigências ideais, físicas e espirituais...” (JAEGER, 1995, p. 335). O objetivo é a formação<sup>21</sup> de um Homem vivo – com corpo e espírito conscientes.

Compondo as exigências físicas, encontra-se o adestramento marcial dos jovens, o que nos leva a acreditar em uma preocupação com a formação moral dos soldados.

Nossa crença se comprova pelo fato que, anteriormente à *Paidéia*, o termo associado à educação era *Arete*, entendido como o conjunto de valores que “...designam o homem nobre que, na vida privada como na guerra, rege-se por normas certas de conduta, alheias ao comum dos homens” (JAEGER, 1995, p. 28).

“Ao lado da ação [a guerra] estava a nobreza do espírito, e só na união de ambas se encontrava o verdadeiro objetivo.” (JAEGER, 1995, p. 30)

A *Arete* era destinada somente às classes nobres. Por este motivo, houve a reformulação da amplitude da educação, surgindo, então, o conceito supracitado de *Paidéia*. A *Arete*, então, tornou-se uma das dimensões da *Paidéia*; desta forma, o treinamento militar aliou-se aos ensinamentos eruditos.

O paradigma grego de formação humana aproxima-se muito do ideal nipônico do *Bunbu Ryôdô* – o Duplo Caminho do Guerreiro. Este simboliza o desenvolvimento integral e harmonioso do corpo e do espírito, realizado por um

---

<sup>21</sup> Sobre o conceito de “formação” utilizado, ver cap. 1 desta monografia.

indivíduo que pretenda se dedicar ao Duplo Caminho, ou seja, o Caminho do Pincel (*Fude* – Arte) e da Espada (*Ken* – Marcial). Sem dúvida não significa que dois são os caminhos a serem percorridos em busca do aperfeiçoamento; significa, isto sim, que os dois caminhos, das letras e das armas, estão juntos e perfazem um único caminho. (MUSASHI, 1992, p. 14-15)

O ideal marcial japonês certamente não influenciou o chinês, porém, no Brasil, eles aparecem como aspectos complementares, fruto da indústria cultural local<sup>22</sup>.

É neste sentido que em nossa hipótese defendemos a existência de um modelo de formação ou de uma Paidéia à Chinesa – aliando conhecimento erudito (Budismo, Confucionismo e Taoísmo) ao treinamento marcial (Kung-Fu Shaolin do Norte).

---

<sup>22</sup> Sobre a influência da indústria cultural na representação marcial brasileira, ver seção 2.2 desta monografia.

## 4 – LINEAMENTOS BÁSICOS DA “EDUCAÇÃO EMANCIPADORA”

### 4.1 – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Neste capítulo faremos o levantamento dos lineamentos básicos que constituem o *método pedagógico para a emancipação*, preconizado por Paulo Freire – uma das principais personalidades do campo da Pedagogia. Suas obras são editadas e reconhecidas em vários países, o que o coloca entre um dos intelectuais brasileiros mais conhecidos e conceituados em todo o mundo.

Sua preocupação sempre esteve centrada nas classes populares, as quais ele se refere como “os oprimidos”. Desenvolveu um método pedagógico de alfabetização “*dos*” e não “*para*” os oprimidos. Utiliza como linha mestra de sua metodologia o “diálogo” e a “palavra” (dita ou escrita). Porém, seu objetivo não é o de ensinar a repetição mecânica das palavras, mas ensinar ao Homem<sup>23</sup> a dizer sua própria palavra. Pois é tomando consciência de que a palavra é fruto de sua história, que o Homem conscientiza-se e, assim, reconhece-se “*no*” e “*com*” o mundo – logo, se emancipa. Contudo, para que isso ocorra, é preciso que o educador estabeleça uma relação horizontal com os educandos, pois na medida em que coordena o ensino, aprende também.

Em suma, seu objetivo central não é apenas o de alfabetizar o Homem, mas o de elevá-lo, através da alfabetização, ao nível de “Homem livre” – emancipado culturalmente e historicamente.

Nossa intenção, porém, não é a de descrever passo-a-passo a metodologia utilizada por Freire para a alfabetização das classes oprimidas, mas elucidar as matrizes filosóficas que subsidiaram a construção do referido método.

É com base nesse levantamento que poderemos realizar a comparação entre a “Pedagogia da Marcialidade Chinesa”<sup>24</sup> (por nós defendida) e a Pedagogia Emancipadora (proposta por Paulo Freire), a fim de comprovar ou refutar a nossa hipótese de pesquisa.

---

<sup>23</sup> O termo “Homem” é utilizado neste trabalho no seu entendimento ampliado, ou seja, para se referir aos seres-humanos no geral.

<sup>24</sup> Não nos utilizamos do termo genérico “Pedagogia Marcial” pelo fato de o mesmo fundamentar-se em modelos éticos radicalmente diferentes. O caso, por exemplo, da marcialidade japonesa relacionada ao Zen.

## 4.2 – JUSTIFICATIVA PARA A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Paulo Freire pauta sua pedagogia na realidade social brasileira, ou seja, em um país classista onde o poder – em todas as dimensões possíveis – está centralizado em uma parcela mínima da população, a elite.

Essa elite, à qual ele nomeia de “opressores”, exerce seu poder de influência sobre as classes populares (os “oprimidos”) principalmente através da esfera educacional. O objetivo é o de aprisionamento intelectual ou crítico das classes populares através da limitação destes a um prisma ideológico que não lhes pertence, ou seja, a ideologia da elite – no caso da educação, a ideologia capitalista do saber.

Uma das formas de exercerem seu poder pela esfera educacional é através dos materiais didático-pedagógicos que produzem e distribuem. A ideologia que esses materiais veiculam é a dos analfabetos “à margem da sociedade”. (FREIRE, 1976, p. 46-47)

Concomitantemente, os indivíduos que são analfabetos, ou aqueles que não possuem uma bagagem significativa de conhecimentos tradicionalmente organizados – conhecimentos produzidos e transmitidos pela educação institucional – carregam o estigma da marginalidade social. Em outras palavras, os indivíduos considerados cidadãos e, conseqüentemente, capazes de exercer sua cidadania, são aqueles que possuem ou que têm acesso à educação formal. Contudo, essa educação é organizada pela elite dominante, que a utiliza como meio para propagar sua ideologia, ou seja, a ideologia capitalista e opressora.

“Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.” (FREIRE, 1976, p. 89)

Se então a marginalidade não é uma opção, os chamados marginais foram expulsos, objetos, portanto, de uma violência. Na verdade, violentados, não se acham porém ‘fora de’. Encontram-se dentro da realidade social, como grupos ou classes dominadas, em relação de dependência com a classe dominante. (FREIRE, 1976, p. 47)

Então, urgentemente, a educação para a emancipação justifica-se por uma tentativa de inserção crítica da classe popular brasileira no processo de democratização e desenvolvimento do país. Para tal fim, a educação deveria ser

crítica e criticizadora, ou seja, a que permite aos oprimidos questionarem o sistema organizacional do qual são vítimas. (FREIRE, 1999, p. 93-94)

Portanto, Freire (1999, p. 13) propõe um modelo pedagógico com base na participação “Livre” e “Crítica” dos educandos, pois é somente desta maneira que a prática educativa será efetiva e eficaz.

No entanto, alerta para o fato de que a vontade de libertar-se deve partir dos que se encontram aprisionados – ou de nada adiantará tal esforço. Por isso, o autor afirma que “...a idéia de liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por liberta-se.” (FREIRE, 1999, p. 17)

Essa liberdade à qual se refere o autor só é possível a partir do momento em que todas as forças (a dos educadores e educandos) unem-se em prol de um objetivo comum, a humanização do Homem e da sua realidade. Entretanto, “é a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre até sendo feita – e isso é o mais doloroso – em nome de sua própria libertação.” (FREIRE, 1999, p. 51)

Por isso, o que o Homem necessita compreender é que a sua liberdade deve ser conquistada autonomamente, através de sua integração com a realidade na qual está inserido. É através da sua relação crítica com o mundo que o Homem será capaz de se humanizar e, assim, humanizar o mundo.

O processo de humanização é aqui compreendido como a capacidade de objetivar tanto o mundo quanto a si mesmo. Desta forma, estaria o Homem lançando-se numa tentativa de libertar-se através da compreensão da sua realidade e, assim, reconhecer o seu domínio sobre a mesma.

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura. (FREIRE, 1999, p. 49)

“O homem integrado é o homem *Sujeito*.” (FREIRE, 1999, p. 50) O autor refere-se à capacidade de o Homem integrar-se ao seu mundo através da possibilidade de transformá-lo, acrescida de criticidade. Porém, a massificação humana dá lugar a uma atitude passiva: a acomodação ou a adaptação. O indivíduo que se adapta à sua realidade não se integra a ela, logo; não é um sujeito; portanto, não é livre.

Através das relações que o Homem trava “com” e “na” sua realidade – transformando, criando e recriando, optando, decidindo e agindo – e das relações do Homem com os Homens, o indivíduo localiza-se num tempo e espaço históricos próprios dele. O Homem se transforma em sujeito.

Contudo, a modernidade e a força tecnológica que a acompanha tendem a rebaixar o Homem à qualidade de simples objeto, pois lhe retira a capacidade de decidir no momento em que passa a decidir por ele. (FREIRE, 1999, p. 51-52)

Os indivíduos encontram-se tão comodamente enquadrados no sistema social no qual estão inseridos que acabam perdendo, muitas vezes, inconscientemente, a qualidade de sujeitos, passando a meros objetos suscetíveis a manipulação e as influências impostas pelo sistema social dominante. Perdendo a qualidade de sujeito, o Homem deixa de ser crítico e não reconhece suas capacidades de influir no meio social e mudar a sua realidade.

De acordo com Freire (1976, p. 10), “a atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente.”

Portanto, a educação emancipadora justifica-se, também, por uma tentativa de conceber o Homem como “sujeito” da sua existência. A educação deve objetivar e subsidiar a atuação crítica e criticizadora do Homem no contexto social em qual se insere.

Como é possível perceber, a luta do autor é por uma educação criada “com” e não “para” as classes populares. Uma educação de rompimento com os paradigmas educacionais vigentes, o que ele classifica como “Educação Bancária”.

Em fim, uma educação que não pode ser elaborada pelos opressores, que possibilite aos oprimidos descobrirem-se como “hospedeiros” da opressão (FREIRE, 2005, p. 34), ou ainda:

...aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objetos da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e re fará. (FREIRE, 2005, p. 34)

Em suma, a proposta de Freire justifica-se por tentar romper com os paradigmas vigentes de educação, configurados, resumidamente, como métodos de

transmissão vertical de conhecimentos necessários ao exercício da cidadania. Porém, Freire não quer transmitir conhecimentos, mas construí-los em comunhão com os educandos. É na bagagem cultural que os educandos (e não os alunos<sup>25</sup>) trazem para dentro da sala de aula que o autor encontra os elementos para construir e respaldar a pedagogia que propõe. A proposta do autor não é só otimista, como também um tanto quanto utópica. Contudo, não é nosso propósito avaliar as possibilidades de implantação do modelo que ele propõe. No entanto, assim como Freire, acreditamos que o processo de formação humana deva ser viabilizado em parceria com os que se formam e, não mais, através das imposições daqueles que “querem” formar.

#### 4.2.1 – A “Educação Bancária”

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 2005, p. 78)

Ao iniciarmos com as palavras do autor, damos sentido ao que ele quer questionar com a expressão “Educação Bancária”; o modelo de educação ao qual estamos habituados – alunos enfileirados, isolados do mundo, recebendo o conhecimento inquestionável dos também inquestionáveis professores. Neste caso, a construção e transmissão de conhecimento é verticalizada, ou seja, dos professores aos educandos. O conhecimento não é construído numa relação horizontal com os educandos, pois estes são considerados indivíduos desprovidos do conhecimento (seria a compreensão de alunos por nós aludida anteriormente).

Ou ainda, nas palavras do autor, aquela educação que “...não é teórica porque lhe falta o gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa. Ela é verbosa. Palavresca. É ‘sonora’. É ‘assistencializadora’. Não comunica. Faz comunicados, coisas diferentes.” (FREIRE, 1999, p. 101)

Ao dizer que a educação não é teórica e científica, mas palavresca e assistencializadora, o autor refere-se propriamente ao descaso inerente a construção dos conhecimentos que ela transmite. No caso, o exemplo é o da

---

<sup>25</sup> Em latim, “sem luz”. Inferimos que a preferência do autor pela utilização do termo “educandos”, refira-se, justamente, ao rompimento com o entendimento corrente nas escolas tradicionais, de que os alunos não possuem outra função a não ser absorver os conhecimentos transmitidos verticalmente pelos professores (os “iluminados”, então?).

alfabetização, que é o objetivo da proposta do autor. Porém, ensinar os educandos a repetirem ou decorarem palavras que não lhes são significativas, pois não fazem parte do contexto histórico-sócio-cultural destes, não é alfabetizar ou educar para a liberdade, mas o contrário.

Portanto, a idéia central da educação proposta por Freire é a discussão e o debate. O autor defende que a ação pedagógica deve estar focada na troca de idéias, no debate e na discussão de temas contextualizados, no trabalho horizontal com os educandos; em suma, em educar com os educandos. (FREIRE, 1999, p. 101)

Para este fim, será preciso romper com o discurso “nutricionista” da educação, o qual concebe os educandos como “famintos pelo saber”. Utilizando outra metáfora, os analfabetos ou os educandos são os enfermos e a cura vem através do conhecimento das palavras ou do próprio saber. Desta forma, os educandos são levados a memorizar ao invés de estudar; são depósitos de palavras e conhecimentos descontextualizados.(FREIRE, 1976, p. 45)

Esta é mais uma forma de as classes opressoras exercerem seu poder sobre as oprimidas, dominando-as através da hierarquia do conhecimento, na qual possuem um *status* mais elevado. A alfabetização é só o início desse processo de dominação pela educação. Mesmo nos níveis de ensino mais adiantados, até mesmo no superior, encontramos a verticalização do saber. O discurso pedagógico é emancipador, desperta a criticidade e motiva a reflexão dos educandos, porém sua efetivação na prática não sai do papel.

Nas palavras de Freire (1976, p. 99), “...a educação ou ação cultural para a dominação não pode ser nada mais que aquele ato através do qual o educador, como ‘o que sabe’, transfere ao educando, como ‘o que não sabe’, o conhecimento existente.” Ou ainda, “na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância...” (FREIRE, 2005, p. 67)

Assim sendo, o autor nos apresenta o contraponto dessa educação dominadora – a educação para a emancipação:

Deste modo, a educação ou a ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como

consciências 'intencionadas' ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem como os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente. (FREIRE, 1976, p. 99)

O que Freire propõe é simples e, ao mesmo tempo, envolto por um sentimento que esbarra no otimismo e na utopia. Em outras palavras, o que propõe o autor é que as propostas e os objetivos da legítima educação sejam levados a cabo. A educação deve ser o meio pelo qual todos os indivíduos, independente de classe social, etnia, crença religiosa, enfim, independente da condição humana, tenham as possibilidades garantidas de se constituírem como sujeitos críticos e criticizadores de suas próprias vidas, assim como do mundo.

Para tal fim, a educação precisa ser construída com os educandos, levando em consideração o contexto em que estes estão inseridos. Na verdade, seria praticamente um modelo de educação individual; diferente de região para região, de indivíduo para indivíduo. Por este motivo, a impressão de um otimismo utópico. No entanto, não é nosso propósito avaliar as possibilidades de implantação do referido paradigma de educação, mas destacar as concepções filosóficas que o norteiam.

A seguir, apresentaremos alguns elementos que compõe o modelo de educação proposto por Freire, a partir dos quais levantaremos os lineamentos básicos e a filosofia pedagógica que subsidiaram sua elaboração.

#### 4.3 – O CIRCULO DE CULTURA

O primeiro passo rumo a uma educação voltada para a emancipação dos educandos deve ser dado na direção de instituir-se um *locos* educativo, no qual a cultura local assuma o papel de mediadora dos conteúdos desenvolvidos pelos educadores.

Então, ao invés de salas de aulas tradicionais – onde existe uma verticalização do ensino – instaura-se o “Círculo de Cultura” – que se diferencia ao desenvolver um ensino horizontalizado.

Neste ambiente, o conhecimento é construído coletivamente e em reciprocidade entre educadores e educandos. É nomeado assim, pois o eixo educacional sob o qual se desloca é embasado pela cultura local, ou seja, aquela que os educandos carregam para o interior da sala de aula.

No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em 'reciprocidade de consciências'; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo. (FREIRE, 2005, p. 10)

Nesse novo ambiente o respeito aos educandos é priorizado, pois estes não são mais visualizados como “vasilhas vazias”, mas como seres humanos. O professor assume o papel de coordenador e modelo de conduta. Deve trabalhar através do diálogo horizontal, sem jamais influir ou impor sua ideologia sobre a dos educandos. (FREIRE, 1999, p.14)

Seu papel é o de coordenador de debates. Através da captação de elementos que fazem parte do contexto histórico-cultural dos educandos, deve fomentar o diálogo, do qual deve participar como integrante do grupo. (FREIRE, 1999, p. 111)

O professor-coordenador não transmite o conhecimento que ele próprio produziu e intuiu ser adequado, mas aquele que foi produzido em comunhão com os próprios educandos.

Desta forma, estará colaborando com a construção da ação cultural que se deseja, ou seja, aquela “...através da qual se enfrenta, culturalmente, a cultura dominante. Os oprimidos precisam expulsar os opressores não apenas enquanto presenças físicas, mas também enquanto sombras míticas, introjetadas neles.” (FREIRE, 1976, p. 54)

Trabalhando-se desta forma, os educandos terão maiores possibilidades de vislumbrar a realidade social da qual fazem parte e identificarem a posição social que lhes foi imposta. Despertos, então, poderão lutar em busca dos seus direitos sociais, na mesma medida em que forem se reconhecendo como forjadores de suas próprias realidades.

“Pensar o mundo é julgá-lo; e a experiência dos círculos de cultura mostra que o alfabetizando [ou o educando], ao começar a escrever livremente, não copia palavras, mas expressa juízos.” (FREIRE, 2005, p. 12)

Então, somente em um ambiente educacional que priorize um modelo de formação livre e independente, através de um direcionamento educacional que possibilite a compreensão da realidade opressora pelos oprimidos, que o Homem atuará como sujeito no mundo.

#### 4.4 – O DIÁLOGO

“A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade.” (FREIRE, 1976, p. 24)

Porém, não é isso o que encontramos no sistema educacional vigente na sociedade brasileira. Não podemos generalizar, mas o número de instituições de ensino que priorizam o desenvolvimento da expressão crítica de seus educandos ainda é insignificante em nosso país.

Os educandos ainda não são instigados a questionar o conhecimento que lhes é transmitido. Não existe o diálogo entre educadores e educandos. Por este motivo, encontramos o diálogo em lugar de destaque na proposta pedagógica que nos apresenta Freire.

O diálogo – desenvolvido através das palavras oriundas dos contextos histórico, cultural e social dos educandos – é o eixo norteador de toda a ideologia preconizada pelo autor. A estrutura utilizada é a horizontal, na qual, ao dialogar, educadores e educandos encontram-se em um mesmo nível de atividade.

A matriz deste tipo de diálogo deve ser crítica e gerar criticidade. Em outras palavras, os educadores devem fomentar a discussão crítica em torno dos conteúdos levantados pelos próprios educandos. (FREIRE, 1999, p. 115-116)

Somente assim estar-se-á provendo o saber, pois o conhecimento é concebido quando educador e educando travam uma relação de diálogo em prol de um mesmo objeto – o objeto a ser conhecido. (FREIRE, 1976, p. 49)

Este seria o que o autor classifica como “o diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum.” (FREIRE, 2005, p. 21)

A importância do diálogo horizontal não está apenas no respeito ao educando, mas no que este tem a dizer. As palavras do educando expressam sua realidade, o que lhe faz sentido e o que lhe é significativo.

Através do diálogo será possível, também, realizar a distinção entre as duas principais esferas de relação do Homem com o mundo: a Natureza e a Cultura. (FREIRE, 1999, p. 116)

A Natureza como mediadora das relações e comunicação dos Homens. A Cultura como aquilo que o Homem oferece ao mundo – o resultado do seu trabalho, seu poder de criação e recriação. (FREIRE, 1976, p. 20-21; 1999, p. 116-117)

“O homem, afinal, *no* mundo e *com* o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto.” (FREIRE, 1999, p. 117)

#### 4.5 – TOMADA DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA

É no “Círculo de Cultura” e através do diálogo que a educação proposta por Freire atingirá seu principal objetivo, a libertação do Homem através da tomada que este faz da própria consciência – a “transcendência”.

Para ser consciente o Homem antes precisa se reconhecer como “sujeito”, ou seja, compreender que não está apenas *no* mundo, mas *com* o mundo. (FREIRE, 1976, p. 65)

O Homem “sujeito” é diferente do Homem “objeto”, pois este é manipulável e acrítico, aquele conhece seu poder de influência sobre todas as coisas e o faz criticamente. O Homem “sujeito” reconhece que é inconscientemente oprimido e luta por libertar-se. O Homem “objeto” não se reconhece como sujeito e nem como oprimido.

É por este motivo que o objetivo central da educação emancipadora deve contemplar a necessidade do Homem comum de transcender, no sentido de passar do nível em que se encontra a um outro superior. A transcendência só ocorrerá se essa proposta possibilitar ao Homem ou ao educando a tomada de consciência crítica do seu *status* social. Segundo Freire (1999, p.14), “...todo o aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando.”

Para o Homem o mundo é uma realidade objetiva, logo, possível de ser conhecida. O Homem passa a conhecer o mundo na medida em que se reconhece e relaciona-se nele e com ele. Portanto, a tomada de consciência da realidade na qual está inserido é imbuída de criticidade, ou seja, é reflexiva e não reflexa.

Então, a maneira de transcender específica do Homem é enfrentando os desafios que sua realidade lhe impõe (FREIRE, 1999, p. 47-48). “Ademais, é o homem, e somente ele, capaz de transcender.” (FREIRE, 1999, p. 48)

A questão não está em alfabetizar ou educar, mas em libertar o Homem através da alfabetização, possibilitando, assim, a tomada de consciência da realidade vivida. (FREIRE, 1976, p. 16)

A alfabetização é a luta do autor, porém este não é o único objetivo ou a única finalidade da educação. Neste caso, defendemos que todas as dimensões da educação devam estar direcionadas a libertação do Homem, como se refere o autor.

“O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. [...]. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É repitamos, pô-lo numa posição conscientemente crítica diante de seus problemas” (FREIRE, 1999, p. 66). “Entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude.” (FREIRE, 1999, p. 101)

Ao tornar-se consciente da sua realidade, espera-se do Homem que atue criticamente na sociedade, transcendendo o *status* de objeto social manipulável e, assim, deixando de habitar na margem social.

Por isso, a educação não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio educando, apenas com a colaboração do coordenador. (FREIRE, 1999, p. 119)

“Na medida em que os alfabetizados vão organizando uma forma cada vez mais justa de pensar, através da problematização de seu mundo, da análise crítica de sua prática, irão podendo atuar cada vez mais seguramente no mundo.” (FREIRE, 1976, p. 20)

A tomada de consciência não é um conteúdo que pode ser transmitido ou ensinado pelo educador. Na verdade, configura-se como um ato introspectivo que leva o educando a refletir sobre sua própria realidade. O educador, ou, como se refere o autor, o coordenador, deve objetivar esse tipo de atitude incorporando em suas aulas elementos que ele captura, através do diálogo, do contexto histórico-cultural dos educandos. O coordenador influi indiretamente, pois os conteúdos por ele trabalhados foram construídos e elencados pelos próprios educandos. É desta maneira que se possibilita aos educandos atuarem de forma reflexiva sobre sua realidade.

“Assim entendida, a orientação no mundo põe a questão das finalidades da ação ao nível da percepção crítica da realidade.” (FREIRE, 1976, p. 42)

“Os educandos necessitam descobrir o que há por trás de muitas de suas atitudes em face da realidade cultural para assim enfrentá-la de forma diferente.” (FREIRE, 1976, p. 54)

Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de liberta-se desde, que sua reflexão não se perca numa vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. (FREIRE, 1976, p. 66)

“Para os seres humanos, como seres da *práxis*, transformar o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho.” (FREIRE, 1976, p. 68)

“A consciência crítica não se constitui através de um trabalho intelectualista mas na *práxis* – ação e reflexão.” (FREIRE, 1976, p. 82)

“Então, o mundo da consciência não é criação, mas sim, elaboração humana. Esse mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho.” (FREIRE, 2005, p. 17)

“Portanto, a consciência é, em sua essência, um ‘caminho para’ algo que não é dela, que está fora dela, que a circunda e que ela apreende por sua capacidade ideativa.” (FREIRE, 2005, p. 63)

Concluindo, então, a tomada de consciência pode ser compreendida como a relação intrínseca entre teoria e prática, ou seja, a *práxis*. No entanto, essa teoria necessita ser construída com elementos/conteúdos elencados a partir da realidade histórico-sócio-cultural dos próprios educandos.

A tomada de consciência crítica e reflexiva é o principal objetivo da proposta pedagógica de Paulo Freire. Este deveria ser o real papel do indivíduo que se propõe a educador – conscientizar seus educandos para que estes atuem, cada vez mais, criticamente, reflexivamente e lucidamente no mundo.

#### 4.6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS AO CAPÍTULO

Através da análise dos elementos que constituem, em síntese, a proposta pedagógica para a emancipação defendida por Paulo Freire, elencamos pontualmente os valores que compõe, o que classificamos como a filosofia de trabalho que embasa a referida proposta pedagógica.

Pretendemos, na verdade, levantar os pontos fundamentais que deveriam ser supridos pela proposta de uma educação para a liberdade. A estes pontos fundamentais demos a classificação de “matrizes filosóficas”. Porém, a pedagogia de Freire não se resume somente ao que apresentamos em nosso trabalho. No entanto, para efeito de pesquisa, elencamos somente os elementos que nos possibilitariam desenvolver a nossa hipótese de pesquisa. Para um estudo mais aprofundado ao tema, recomendamos a leitura das obras do autor que constam nas referências bibliográficas deste trabalho.

Para facilitar a leitura e a interpretação dos dados, elaboramos uma tabela na qual apresentamos as matrizes filosóficas da “Educação Emancipadora”. A apresentação em forma de tabela também facilitará a confrontação entre os dois modelos de educação aludidos neste trabalho – o da marcialidade chinesa e o emancipador.

**TABELA 5 – EDUCAÇÃO EMANCIPADORA: FILOSOFIA PEDAGÓGICA**

<b>ELEMENTOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA</b>	<b>CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS</b>	<b>OBJETIVOS</b>
<b>Círculo de Cultura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Professor-coordenador</li> <li>- Conhecimento Coletivo</li> <li>- Educando-professor</li> <li>- Ensino Horizontal</li> <li>- Cultura Local</li> </ul>	Estimular indiretamente, através de elementos pedagógicos retirados da realidade histórico-cultural dos educandos, a construção da “ação cultural” para a emancipação.
<b>Diálogo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relacionamento Horizontal</li> <li>- Palavras dos Educandos</li> <li>- Expressividade</li> </ul>	Através da relação horizontalizada de diálogo entre educadores e educandos, desenvolver a criticidade destes. Possibilitando, aos mesmos, conceberem-se “sujeitos” atuantes <i>no</i> e <i>com</i> no mundo.
<b>Tomada de Consciência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Transcendência</li> <li>- Atitude Crítica e Reflexiva</li> <li>- <i>Práxis</i></li> </ul>	Possibilitar aos educandos, através da ação e reflexão, que se reconheçam enquanto “sujeitos” capazes de atuarem, de forma crítica e reflexiva, sobre a realidade social da qual são integrantes.

## 5 – DISCUSSÃO

Neste capítulo faremos a aproximação dos dois modelos de formação apresentados acima (o marcial e o emancipador), a fim de comprovar ou refutar a hipótese de pesquisa por nós levantada.

Como foi possível observar, ao final dos capítulos de revisão de literatura da pesquisa referente ao levantamento dos lineamentos básicos dos modelos de formação em questão (cap. 3 e 4) incluímos uma seção denominada **Considerações Finais ao Capítulo**. A utilização dessa ferramenta metodológica teve a finalidade de construir, através de conclusões pontuais a cada capítulo, a base de informações necessárias à resposta do nosso objeto de pesquisa.

Para facilitar o processo de produção deste capítulo e tornar a leitura mais dinâmica e atrativa, optamos por apresentar, sinteticamente, as conclusões referentes a cada capítulo de revisão de literatura da pesquisa.

A partir do primeiro capítulo de revisão de literatura (**cap. 2 – Kung-Fu: Historicidade da Arte Marcial Chinesa**) chegamos às seguintes conclusões:

**A** – Não há, nas fontes históricas do Kung-Fu, indícios significativos que relacionem a prática marcial chinesa com o desejo de elevação humana ou espiritual dos praticantes. Desta forma, revelamos a maneira como o povo chinês concebe sua arte marcial, ou seja, treinamento marcial direcionado para fins bélicos.

**B** – O Mosteiro de Shaolin foi um local de desenvolvimento e propagação do Kung-Fu. Porém, longe do imaginário ocidental, não se constituiu como um centro de excelência em artes marciais. Este imaginário é, em grande parte, influenciado pelas produções culturais relacionadas ao tema, configuradas no cenário nacional como as fontes principais nas quais os praticantes se debruçam na busca de maiores esclarecimentos sobre as bases filosóficas que permeiam a arte marcial que praticam.

No segundo capítulo de revisão de literatura (**cap. 3 – A Placa Votiva: “ a senda marcial”**), chegamos às seguintes conclusões, que confirmam parcialmente nossa hipótese de pesquisa:

**C** – A Arte Marcial Chinesa engloba um conjunto de valores teórico-filosóficos que embasam o aprendizado das técnicas marciais e que, no caso brasileiro, contribuem para uma formação marcial ampliada – ou seja, a formação pela arte ou virtude associada a formação pela marcialidade.

**D** – É possível afirmar a existência de um modelo de formação humana libertária na arte marcial chinesa, no caso específico, no Kung-Fu Shaolin do Norte. Como foi possível observar, existe um quadro de conteúdos não-corporais de caráter filosófico que embasam o aprendizado das técnicas marciais. Esses conteúdos não são específicos do Kung-Fu, pois norteiam o pensamento chinês em todas as suas dimensões. O Kung-Fu origina-se em um contexto libertário, pois os principais grupos que praticavam artes marciais na China *eram subversivos*<sup>26</sup>. Como o Kung-Fu bebia de fontes representadas pelas correntes filosóficas descritas nesta pesquisa (Budismo, Confucionismo e Taoísmo), os valores ideais que essas correntes transmitiam, possivelmente, norteavam a ação desses grupos.

**E** – Os valores expressos na placa votiva, principalmente, revelam as normas de conduta do autêntico artista marcial e apontam para o caráter emancipador da prática marcial do Kung-Fu Shaolin do Norte.

**F** – O Kung-Fu Shaolin do Norte, através dos conteúdos expressos pela placa votiva, revela uma preocupação com a formação ética e moral dos praticantes. Não se objetiva a formação de lutadores, simplesmente, mas de indivíduos que possam atuar como modelos de conduta em todas as esferas das relações humanas.

**G** – No caso brasileiro, o ensino das técnicas marciais acontece de forma verticalizada, do professor para o praticante. Contudo, a transmissão dos conteúdos não-corporais acontece de forma horizontalizada, ou seja, professor e praticante encontram-se em um mesmo nível de aprendizagem. Isto ocorre em função da codificação que envolve tais conteúdos. Essa codificação é oriunda da tradição marcial chinesa e é representada pela barreira imposta, principalmente, pela língua e escrita chinesas – o que é visto, por exemplo, na placa votiva. Tal fato obriga tanto professor quanto praticante a buscarem informações em fontes alternativas ou, ainda, a intuírem sobre o que representa essa codificação.

No terceiro e último capítulo de revisão de literatura (**cap. 4 – Lineamentos Básicos da “Educação Emancipadora”**) chegamos à seguinte conclusão:

**H** – O modelo de educação de Paulo Freire baseia-se na tradição viva, ou seja, na busca de subsídios na realidade humana na qual se instala. Em outras

---

<sup>26</sup> Observamos a diferença entre “ser libertário” e “praticar um caminho (item **A** do segundo capítulo). Enquanto este é um lineamento à moda da Paidéia, aquele é uma resposta à opressão.

palavras, parte da realidade dos educandos, apropriando-se dos conteúdos que estes trazem para o interior do ambiente de ensino, para construir juntos os conteúdos que serão transmitidos. Estes conteúdos, por sua vez, são capturados e elencados através do diálogo. O objetivo desta proposta pedagógica é libertar os educandos (os oprimidos) da opressão social imposta por uma elite dominante (os opressores). A libertação se efetiva no momento que os educandos tomam consciência da posição social que ocupam, assim como do poder de transformação que podem exercer sobre sua própria realidade. Porém, é por este motivo (o da emancipação através da tomada de consciência), que os conteúdos desenvolvidos por este modelo de educação precisam, necessariamente, ser construídos *com* os educandos e, não mais, *para* os educandos.

Por fim, confrontando ambos modelos de formação, chegamos à seguinte conclusão: **Existe uma sutil aproximação entre os dois modelos de formação que se refere ao fato de ambos possuírem uma codificação emancipadora ou libertária.**

No Kung-Fu Shaolin do Norte, esta codificação é representada, como já descrevemos, pela barreira imposta pelo idioma chinês, que obriga os praticantes brasileiros a construir o próprio conhecimento.

Na Educação Emancipadora, a codificação é representada pelo método pedagógico proposto por Paulo Freire, que organiza o conhecimento construído com elementos retirados do contexto histórico-sócio-cultural dos educandos.

Porém, existe um distanciamento relacionado à tradição de ambas as propostas, o que confirma a comprovação parcial da nossa hipótese de pesquisa.

O Kung-Fu Shaolin do Norte baseia-se na tradição no sentido literal da palavra, ou seja, em uma herança cultural transmitida oralmente através das gerações.

A Educação Emancipadora baseia-se em uma tradição viva, ou seja, em valores e características culturais encontradas na realidade vivida pelos educandos.

Neste caso, o Kung-Fu parece expressar mais claramente um caráter emancipador. Pois, por não terem acesso às fontes originais de conhecimento que constituem a tradição marcial chinesa e por sofrerem com as barreiras étnicas, os praticantes ou educandos reinventam essas tradições, criando as suas próprias. Em suma, os praticantes constroem o seu próprio Kung-Fu a partir de referências

genéricas superficiais sobre o pensamento chinês. As “lacunas” desse *ethos* são supridas por uma ética “nova” de caráter coletivo, não baseada no modelo chinês.

Na Educação Emancipadora a tradição é evidente, está explícita o tempo todo na fala dos educandos. O conhecimento transmitido é emancipador, mas não é reinventado e, sim, contextualizado.

Outro ponto que não podemos deixar de aludir diz respeito ao fato de o elemento principal da pedagogia proposta por Freire referir-se exclusivamente à palavra dita e escrita. Em nenhum momento, em nenhuma de suas obras por nós consultadas, o autor se refere à expressão humana através do corpo ou do movimento corporal. O autor objetiva um indivíduo consciente intelectualmente ou criticamente, mas não corporalmente. Neste caso, nos parece que o autor reduz as potencialidades humanas ao desenvolvimento do intelecto.

## 6 – CONCLUSÃO

O trabalho foi árduo e exigiu que integrássemos corpo, mente e espírito para chegarmos à sua conclusão.

Apesar de a nossa hipótese de pesquisa ter sido parcialmente comprovada, chegamos a três conclusões gerais:

Primeiramente, identificamos a existência de uma diferença essencial entre a proposta de “libertação” contida em ambas as pedagogias abordadas neste trabalho. No modelo pedagógico do Kung-Fu, a liberdade é alcançada através do autoconhecimento, autocontrole – trata-se de uma liberdade interior ou do “falso eu”. No modelo pedagógico proposto por Freire, valoriza-se o conhecimento da realidade externa ao indivíduo e a tomada do controle desta realidade – a ação ou rebelação para transformar a realidade externa. Ou seja, Freire não se preocupa com o autoconhecimento e o autocontrole, o enfoque dele está na libertação e tomada de ação do indivíduo na sociedade em que vive.

Em segundo lugar, que o modelo de formação humana pela Arte Marcial Chinesa não se aproxima significativamente do modelo de formação humana pela Educação Emancipadora, comprovando parcialmente nossa hipótese de pesquisa. Ambos possuem um caráter libertário, porém possuem tradições diferentes. Os praticantes de Kung-Fu libertam-se na busca autônoma de suprirem uma necessidade provocada por uma tradição étnica. Os educandos de Freire libertam-se através da tomada de consciência de uma tradição que lhes é apresentada diretamente.

Em terceiro lugar, a proposta pedagógica de Paulo Freire não se refere ao corpo físico dos educandos. Talvez, se tivéssemos adotado uma linha teórica que levasse em consideração a possibilidade de emancipação através das capacidades corporais em todas as suas dimensões, tendo em vista que o Kung-Fu é predominantemente uma prática física, teríamos melhor contemplado nossa hipótese de pesquisa.

Por fim, acreditamos na contribuição que a arte marcial chinesa, ou seja, o Kung-Fu pode propiciar a formação humana do praticante. São valores éticos e morais que podem ser transplantados para a nossa vida cotidiana e nortear o nosso modelo de conduta perante a sociedade.

Neste caso, defendemos o que classificamos como sendo a Paidéia à Chinesa – a formação humana forjada através da relação entre virtude e marcialidade.

Estes valores podem ser aplicados na nossa relação com o outro, com o mundo e na relação que travamos com nós mesmos. Isto seria a formação humana pelo Kung-Fu – conduzir a vida com maestria.

## 7 – REFERÊNCIAS<sup>27</sup>

### Livros:

CONFÚCIO. **Os Analectos**. 9ª ed. São Paulo: Pensamento, 1978.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

GRANET, Marcel. **O Pensamento Chinês**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MUSASHI, Miyamoto. **Gorin No Sho: o livro dos cinco elementos**. 1ª ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1992.

TSÉ, Lao. **Tao Te King: o livro do sentido e da vida**. 8ª ed. [S.l.]: Editora Hemus, 2002.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. 33ª ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para Apresentação de Documentos Científicos**. v. 6 / 7 / 8 / 9. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ. **Normas Técnicas: elaboração e apresentação de trabalho acadêmico-científico**. 2ª ed. Curitiba: UTP, 2006.

### Dissertações:

APOLLONI, Rodrigo Wolff. **Shaolin à Brasileira: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no kung-fu praticado no Brasil**. Dissertação (Mestrado em ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

### Artigos e/ou Matérias de Periódicos:

HENNING. Stanley. Reflections on a Visit to the Shaolin Monastery. **Jornal of Asian Martial Arts**, v. 7, n. 1, p. 90-101, 1998.

---

<sup>27</sup> Em nossa relação de referências buscamos estabelecer uma divisão que permitisse ao leitor vislumbrar com clareza a origem das fontes de consulta. A ordem de apresentação do tipo de fonte (livros, artigos, etc.) procurou seguir um critério de importância para a produção da monografia.

MESTRE Chan Kowk Wai: o patriarca do kung-fu no Brasil fala de sua arte. **Oriente – Artes Marciais, Filosofia e Cultura Oriental**, São Paulo, p. 12, jul. 1996.

SGARIONI, Mariana. As Lições do Mestre. **Revista Super Interessante**, São Paulo, p. 42-51, dez. 2004.

SHAHAR, Meir. Ming-Period Evidence of Shaolin Martial Practice. **Harvar Journal of Asiatic Studies**, v. 61, n. 2, p. 359-413, dez. 2001.

### **Fontes Eletrônicas on line:**

BHUDA – resumo. Disponível em: <http://www.dharmanet.com.br/buddha/resumo.php>. Acesso em: 07 out. 2006.

PERGUNTAS e respostas sobre o buddhismo. Disponível em: <http://www.dharmanet.com.br/intro/dharma.php>. Acesso em: 07 out. 2006.

SHAHAR, Meir; tradução por APOLLONI, Rodrigo Wolff. Evidências da Prática Marcial em Shaolin durante o Período Ming. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, n. 4, p. 93-144, 2003. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2003/p\\_shahar.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2003/p_shahar.pdf). Acesso em: 11 nov. 2006.

TAOÍSMO. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/taoismo.htm>

### **Apostila:**

ACADEMIA SINO-BRASILEIRA DE KUNG-FU. **Kung-Fu**: versão curta de uma história muito longa. São Paulo, 1998.

### **Revista:**

KIAI – revista oficial das artes marciais. São Paulo: Biopress, [199-].